

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

MARIA FRANCESCA DA COSTA SOARES

COM-PAIXÃO E AFETIVIDADE:  
CAMINHOS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL

São Leopoldo

2015

MARIA FRANCESCA DA COSTA SOARES

COM-PAIXÃO E AFETIVIDADE:  
CAMINHOS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientadora: Laura Franch Schmidt da Silva

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S676c Soares, Maria Francesca da Costa  
Com-paixão e afetividade: caminhos para a inclusão  
escolar e social / Maria Francesca da Costa Soares ;  
orientadora Laura Franch Schmidt da Silva. – São Leopoldo :  
EST/PPG, 2015.  
65 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2015.

1. Educação inclusiva. 2. Educação afetiva. 3.  
Professores e alunos. 4. Compaixão. I. Silva, Laura Franch  
Schmidt da. II. Título.

MARIA FRANCESCA DA COSTA SOARES

COM-PAIXÃO E AFETIVIDADE:  
CAMINHOS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data:

---

Laura Franch Schmidt da Silva – Doutora em Teologia – Faculdades EST

---

Gisela Isolde Waechter Streck – Doutora em Teologia – Faculdades EST



## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela oportunidade de me tornar mais humana através da pesquisa realizada e pela graça de ter colocado nesta jornada do meu caminho anjos amigos que me assistiram em cada um dos momentos – bons e ruins – me apoiando e incentivando: O Arcebispo Dom Dirceu Milani e sua esposa Prof.<sup>a</sup> Cleudimar, minha amada Prof.<sup>a</sup> orientadora, Dr.<sup>a</sup> Laura, leme desta pesquisa; a meus amigos de todas as horas e colegas de trabalho Lanô, Jackeline e Elion, a meu irmão Ariel e à memória dos meus pais, Leonel e Beatriz.



## DEFICIÊNCIAS

"Deficiente" é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

"Louco" é quem não procura ser feliz com o que possui.

"Cego" é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

"Surdo" é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

"Mudo" é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

"Paralítico" é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

"Diabético" é quem não consegue ser doce.

"Anão" é quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

"Miseráveis" são todos os que não conseguem falar com Deus.

"A amizade é um amor que nunca morre".

Mário Quintana.



## RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de analisar semanticamente os termos "compaixão" e "afetividade" a partir dos conceitos implícitos em cada um deles. O objetivo da pesquisa visa elucidar as dimensões da compaixão e da afetividade subentendidas no ser humano e a partir das considerações elencadas, analisar suas inserções no processo de inclusão escolar e social de pessoas com deficiência. Na atualidade, docentes se deparam com a obrigatoriedade de trabalhar na sala de aula com discentes com deficiências e ainda não contam em sua formação acadêmica com uma capacitação docente específica para atender com eficácia essa situação. Para a realização deste estudo, a metodologia utilizada baseia-se em um levantamento bibliográfico e a observação da rotina escolar docente. A pesquisa bibliográfica se constitui pelas concepções teóricas apresentadas por Piaget, Freire, Vigotsky, Wallon, Restrepo, Noé, Gadotti entre outros autores que salientam procedimentos da afetividade e de como educar crianças, com ou sem deficiências, em uma ótica pedagógica e teológica, em um tempo em que a aparência perpassa a essência. A partir da importância dada à ação docente será feita uma revisão teórica nos achados que abarcam o desenvolvimento humano infantil nos âmbitos intelectual, socioafetivo e motor. Os estudos bibliográficos permitiram concluir que a tarefa para humanizar a educação oportuniza uma inclusão escolar e social sem preconceitos. A inclusão da criança com deficiência deve estar baseada na compaixão, processo contínuo que se efetiva pelo exercício docente interpelado por amor e paixão para com o Outro. Conclui-se que a fé colocada em e na atividade docente é a primeira metodologia para a inclusão da criança com deficiência no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Compaixão. Afetividade. Educação Inclusiva. Deficiência.



## ABSTRACT

The goal of this paper is to semantically analyze the terms “compassion” and “affection” based on the implicit concepts within each of them. The goal of the research aims at elucidating the dimensions of compassion and of affection implied in the human being and based on the listed considerations, analyze their insertions in the process of school and social inclusion of people with deficiencies. In current times the teachers are faced with the obligation of working with students with deficiencies in the class room and the teachers have not yet had within their academic formation the specific training to tend to this situation with efficacy. To carry out this study, the methodology used was based on a bibliographic survey and the observation of the school teacher routine. The bibliographic research is constituted by the theoretical conceptions presented by Piaget, Freire, Vigotsky, Wallon, Restrepo, Noé, Gadotti among other authors who highlight affectionate procedures and how to educate children, with or without deficiencies, in a pedagogical and theological perspective in a time in which appearance passes through the essence. Based on the importance given the teaching action a theoretical review will be done of the findings which deal with the human infant development in the intellectual, socio-affectionate and motor areas. The bibliographic studies led to the conclusion that the task of humanizing education makes it possible to have school and social inclusion without prejudices. The inclusion of the child with deficiency must be based on compassion, a continuous process which is carried out by the teacher practice challenged by love and passion for the other. The conclusion is that faith placed in and within the teacher activity is the first methodology for the inclusion of the child with deficiency in the school environment.

**Keywords:** Compassion. Affection. Inclusive Education. Deficiency.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 CONCEITOS DE COMPAIXÃO, FÉ E AFETIVIDADE .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Compaixão.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Fé e Afetividade.....</b>	<b>25</b>
<b>2 SOBRE AS DEFICIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....</b>	<b>33</b>
<b>2.1 Deficiência: conceitos e terminologias ao longo do tempo .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2 Tipos de deficiência.....</b>	<b>38</b>
<b>3 COMPAIXÃO E AFETIVIDADE .....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Formação de docentes .....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 Educação com afetividade .....</b>	<b>46</b>
<b>3.3 Alternativas que contribuem para apoiar as pessoas com deficiências...53</b>	
<b>3.4 Alguns motivos para integrar as pessoas com deficiência .....</b>	<b>55</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>



## INTRODUÇÃO

O tema da inclusão, nos seus diversos níveis, surge como um imperativo social a ser resolvido com urgência, porém com grandes dificuldades a serem ultrapassadas. Hoje é comum escutar que as escolas, principalmente as de cunho público foram “empurradas” a aceitar a inclusão de pessoas com deficiências sem muitas das vezes ter recursos pedagógicos e/ou humanos suficientes, devendo driblar a falta de orçamentos ou má distribuição e/ou empregabilidade dos mesmos, deixando-as em situações mais do que desfavoráveis. Pouco se fala das carências de conhecimentos e de metodologias pedagógicas específicas a serem aplicadas na formação docente e os desafios e dificuldades que os professores têm que enfrentar na hora de trabalhar - numa mesma sala de aula – com as diferenças de todo tipo que apresentam os discentes com deficiências e os ditos “normais”.

Diante do exposto questiona-se se é possível construir uma sociedade onde a humanização da educação possibilite o acesso à mesma sem diferenciações nem preconceitos? O que fazer para suprir as necessidades imediatas de tantos educadores e educadoras que por falta de formação ou de ferramentas pedagógicas e até financeiras, se encontram muitas das vezes em situações sem saída, prestes a fugir da sala de aula ou do ambiente onde se encontram pela carência de capacidades que lhes permitam enfrentar esses seres “diferentes”?

Este trabalho analisa em que medida a compaixão e a afetividade podem auxiliar na solução destes desafios e dificuldades, desde a abordagem inicial com discentes até a evolução almejada, perpassando todo o acompanhamento contínuo que a educação impõe. Entende-se que a paixão trabalhada na alteridade e a fé colocada em atividade - fazer do “querer” o “poder”, se pode conquistar a inclusão das pessoas com deficiências, fora e dentro do âmbito escolar, na busca esperançosa de um mundo melhor e mais humano. As diversas leituras que antecederam a elaboração deste trabalho, confirmam quão notável é o sofrimento dos docentes, diante do processo inclusivo, o qual advém das dificuldades encontradas em suas práticas pedagógicas, pela falta de capacitação em sua formação acadêmica ou pela carência de recursos disponibilizados pelas escolas para atender ao paradigma da educação inclusiva. Fica evidenciado que, apesar de o sofrimento ser iminente, o prazer do docente em trabalhar com a inclusão está relacionado ao vínculo afetivo que ele estabelece com seus discentes, o que

constitui uma representação positiva na prática docente. Por isto, precisa-se além de conhecimentos gerais e específicos sobre os processos de ensinar e de aprender, bem como coragem e compromisso para enfrentar uma sala de aula onde as diferenças se fazem presentes, e onde nem sempre a "parafernália" tecnológica ou dos conhecimentos especializados auxiliam a docência.

A pergunta central desta pesquisa busca por respostas em relação a existência ou não de caminhos que levem à inclusão, ou de ferramentas que facilitem a inclusão de pessoas com deficiências nos diferentes meios sociais, e de uma maneira especial no âmbito escolar. Muitos questionamentos têm sido feitos no intuito de tentar elucidar algumas questões inerentes ao processo de aprendizagem: quem são os discentes "especiais"? Quais são seus interesses? Como aprendem? Quais são as suas motivações? Sabe-se que as pessoas aprendem de diversas formas e diferentemente umas das outras. Há, sempre, um entrelaçamento entre a cognição e a emoção e a vinculação entre eles tem uma implicação direta e significativa na relação entre o ensino e a aprendizagem. Os processos de ensino e aprendizagem perpassam o cognitivo, o intelectual. A Afetividade é parte integrante deste processo. Aprende-se melhor quando se considera os aspectos afetivos nas relações interpessoais. A afetividade, além de permear toda a relação entre docente e discente, está presente nas decisões pedagógicas entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Por meio das interações sociais, os indivíduos apropriam-se dos elementos culturais construídos pelo homem ao longo da história e se desenvolvem. Além disso, assume-se que a afetividade tem um papel fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Deve-se considerar, portanto, o clima de aprendizagem, o conteúdo, as expectativas do professor, as interações na sala de aula, a motivação entre outros aspectos.

Vive-se em um mundo onde só o individualismo se valoriza, mas onde cada vez mais os seres humanos estão cientes que se necessitam mutuamente. Diante dos desafios atuais, precisa-se, juntamente com os discentes, acreditar, ou seja, pôr em ação a fé - e saber que se é capaz de reinventar a vida e promover gestos nobres de comunhão através da compaixão no seu mais amplo significado. Percebe-se que a afetividade é um sentimento presente nos docentes; é um estado de ação inerente à expressão humana de amor, ternura, proteção, cuidado, respeito e aceitação. Torna-se imprescindível para os processos de ensino e aprendizagem, na medida em que contribuem para a criação de um clima de compreensão, de

confiança e de motivação, bem como afetividade traz benefícios ao trabalho inclusivo. Com paixão e alegria de espírito as pessoas são capazes de realizar as mais simples ações até os grandes desafios que a educação lhes propõe. A educação deve ser um verdadeiro instrumento humanizador e promotor da vida.

Este trabalho, baseado em uma pesquisa bibliográfica, está organizado por três capítulos. Num primeiro momento, apresenta os conceitos de compaixão, afetividade e fé, nos âmbitos teológico, educacional, ético, psicológico e da inclusão social, não necessariamente nessa ordem. Resulta das leituras, observações da prática docente e de reflexões acerca da afetividade na sala de aula e da sua relação com os processos de ensino e aprendizagem. Na sequência, no capítulo intermediário, apresenta-se o campo conceitual sobre inteligência, deficiências, e suas modalidades: intelectual, física, psíquica, emocional. Destaca-se neste capítulo os significados e as compreensões da deficiência para a teologia Cristã e Católica. O terceiro e último capítulo, através da compaixão, da afetividade e da fé em ação, apresentam-se os auxílios para todos e todas que se dedicam à educação, particularmente à educação inclusiva, para que no exercício da docência exerçam suas tarefas com mais alegria, segurança e competências.

Construir um mundo mais bonito e melhor, depende em muito, do modo como homens e mulheres se enxergam e se posicionam diante da vida. Devem-se mediar ações que possibilitem aos discentes conviverem melhor uns com os outros, e aos docentes, que se tornem pessoas mais abertas e dispostas a sonhar com novos tempos e possibilidades: todos e todas são atores sociais responsáveis por um mundo em permanente construção. Todas e todos trazem em seu ser as sementes da compaixão e da afetividade. Depende de cada um fazê-las germinar.



# 1 CONCEITOS DE COMPAIXÃO, FÉ E AFETIVIDADE

Neste primeiro capítulo será apresentado o campo conceitual sobre compaixão, afetividade e fé, segundo diferentes vertentes, tais como a teologia, a psicologia, e a pedagogia. Sendo assim, procurar-se-á conhecer o significado destes termos, para poder assim aplicá-los na prática da inclusão social das pessoas com deficiências.

## 1.1 Compaixão

Pelo entendimento do senso comum, a compaixão envolve sentimentos de dor, de pena, de aflição perante situações nas quais não se consegue - pelo menos num primeiro momento – aproximar-se de quem sofre ou padece. Sentir compaixão significa tanto a emoção que se experimenta quando uma pessoa se comove frente ao sofrimento alheio, como o fato de compartilhar o padecimento do Outro com o propósito de aliviá-lo.

A primeira concepção pode incluir a vontade de *aliviar* o sofrimento; o segundo entendimento requer uma *ação* para consegui-lo. Dentro da ética cristã, o primeiro conceito é uma resposta insuficiente ao sofrimento; a expressão da compaixão deve incluir uma participação ativa por parte de quem a manifesta.<sup>1</sup> Em consequência, a compaixão carrega consigo mesma o "fazer" e não só o "dizer". Uma resposta "com compaixão" ao sofrimento requer que a pessoa se sinta comovida pela dor alheia, atue para eliminar os efeitos imediatos causados pela dor e opere a longo prazo, para corrigir as estruturas que puderam ter dado origem ao mesmo. Consequentemente, ao tempo que quem demonstra e vive a compaixão, aceita a responsabilidade de curar, de dar esperança e administrar a justiça. E isto só se inicia no momento em que se consegue contemplar "olho no olho" do próximo, e sentir o que seu interior sente, quando se consegue parar para ouvir neste caso, o que as pessoas com deficiência têm a dizer, que não é necessariamente um pedido de socorro, uma "esmola" e sim um "tenha com-paixão de mim, porque eu sou igual que você, mas em condições diferentes".

---

<sup>1</sup> ATKINSON, David J., FIELD, David H. *Diccionario de ética cristiana y teologia pastoral*. España: Clie, 2004. p. 43.

Segundo Goldim, a compaixão, a simpatia e a empatia nem sempre são adequadamente entendidas visto que cada uma delas tem um significado ambíguo assumindo diferentes significados conforme o contexto; porém todas têm um ponto em comum que é a relação frente ao sofrimento: “Compadecer” é “sofrer com”. “Ter compaixão é a virtude de compartilhar o sofrimento do Outro. não significa aprovar suas razões, sejam elas boas ou más. Ter compaixão é não ter indiferença frente ao sofrimento do outro.”<sup>2</sup>

O autoconhecimento, constitui-se na base do processo de compaixão. O autoconhecimento, segundo a sentença filosófica ditada por Sócrates e sinalizada como o princípio da sabedoria, consiste em “conhecer-se a si mesmo”, É a capacidade que permite ao indivíduo perceber e agir de forma gradativa sobre tudo aquilo que necessita transformar em seu interior. A psicologia, também define autoconhecimento como:

[...] o conhecimento de um indivíduo sobre si mesmo. A prática de se conhecer melhor faz com que uma pessoa tenha controle sobre suas emoções, independente de serem positivas ou não. Tal controle emocional provocado pelo autoconhecimento pode evitar sentimentos de baixa autoestima, inquietude, frustração, ansiedade, instabilidade emocional e outros, atuando como importante exercício de bem-estar e ocasionando resoluções produtivas e conscientes acerca de seus variados problemas.<sup>3</sup>

Este autoconhecimento leva a um autocontrole, o qual permite que a pessoa mantenha o equilíbrio emocional perante inúmeras situações, tais como problemas de relacionamento com outras pessoas, acontecimentos inesperados (mortes, perda de emprego, solidão, etc.). O conhecimento de si próprio facilita e fortalece a autoconfiança não dando espaço a críticas ou opiniões externas, ou minimizando os efeitos das mesmas, fazendo com que o próprio indivíduo consiga detectar esses fatores que estão lhe instigando e consiga revertê-los favoravelmente.

É importante lembrar que nem sempre sabemos o que realmente acontece no interior do ser humano, tudo o que se passa na cabeça de um indivíduo nem sempre é previamente raciocinado; muitas das reações impensadas tem um por quê interior, que muitas vezes inconscientemente marcou a vivência do sujeito até sem ele perceber, mas que depois - frente a alguma situação geralmente adversa, aflora liberando o que está dentro do seu ser: todo ser humano carrega em si um histórico

<sup>2</sup> GOLDIM, José Roberto. *Compaixão, simpatia e empatia*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/compaix.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

<sup>3</sup> DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. *Autoconhecimento*. *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/psicologia/autoconhecimento.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

e saber identificar este histórico é fundamental para o autoconhecimento. Não se deve esquecer que o docente que está em contato com as pessoas com deficiência, também é um ser humano. É muito comum escutar que - principalmente estes profissionais - devem deixar seus problemas do lado de fora da sala de aula, para entrar em contato com o universo pedagógico de seus discentes. Porém, é certamente impossível se esvaziar dos problemas, estresses, dificuldades que cada um traz dentro de si, incluindo traumas, conflitos não resolvidos, angústias e medos. Nenhum ser humano é uma máquina que pode ser programada ou formatada conforme as necessidades, sentimentos; a vida afetiva está mais do que presente em cada ato, em cada gesto, em cada palavra que se profere. Segundo Geraldo P. de Almeida:

[...] devemos cuidar para não sermos artificiais, apenas naturais. Dessa forma, se o seu jeito de viver as emoções precisa aparecer na sala de aula, deixe-o, apenas cuide para que seus alunos, também, assim o encarem.<sup>4</sup>

Assim, as vivências individuais podem influenciar as percepções, visto que conforme cada histórico de vida resultará em muitas das reações da pessoa. O autoconhecimento facilita em muito o processo de aproximação interpessoal e por consequência auxilia todo o trabalho de inclusão das pessoas com deficiências. Saber onde estão os "pontos fracos ou fortes" dentro do próprio processo emocional, ajuda a posicionar-se perante o Outro e assim agir com compaixão. Ao autoconhecer-se, é possível trabalhar nas próprias falhas:

[...] quando enfrentamos nossas falhas e nossos problemas, quando localizamos nossas fragilidades, fica bem mais pertinente interferir sobre eles. No entanto, quando não temos a menor ideia de como eles funcionam, ficamos sem rumo, de um lado para o outro, sem saber por onde começar.<sup>5</sup>

Num contexto teológico, a compaixão é “a avenida por onde a graça e o Espírito de Deus (espiritual, emocional e fisicamente) se aproximam dos necessitados”. A compaixão se manifestou na vida de Jesus, e também se reflete nos ensinamentos que Ele transmitiu a aqueles que lhe perguntaram como poderiam segui-lo. As narrativas do Evangelho indicam que, enquanto Jesus viajava pelos povoados e aldeias "teve compaixão" das pessoas, “porque estavam desamparadas

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Geraldo Peçanha. *Minha escola recebeu alunos para a inclusão. Que faço agora?*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 23.

<sup>5</sup> ALMEIDA. 2011, p. 61.

e dispersas como ovelhas que não tem pastor”<sup>6</sup> (Mt. 9.36). Na parábola do Bom Samaritano, Jesus indica que quem atuou corretamente foi quem, ao ver o ferido junto do caminho, “teve compaixão dele” (Lc. 10.13). Além disso, a compaixão do samaritano se viu refletida nos passos específicos que deram encaminhamento para que o homem se recuperasse.

Na Bíblia, concepções de compaixão e misericórdia estão intimamente ligadas. Várias palavras hebraicas e gregas transmitem a ideia de terna compaixão, associada ao sentimento de compaixão maternal ou amorosa, definindo assim a relação amorosa e compassiva que Deus tem pelo seu povo e pelos seus filhos e filhas. Porém, para muitos humanos, valer-se da compaixão é sinal de fraqueza. Correntes filosóficas tais como o estoicismo<sup>7</sup> davam ênfase à calma desprovida de sentimentos. Sendo assim, o sábio podia ajudar os necessitados, porém não podia demonstrar nenhum tipo de sentimento, não devia ter pena, porque esse sentimento o privaria da serenidade.

Outras passagens das Escrituras também consideram a compaixão como uma virtude essencial da vida ética. Quando cumprimos o mandamento de amar-nos uns aos outros (1 Jo 3.11-18), expressamos compaixão; este também é o caso quando “levamos os fardos uns dos outros” (Gl 6.2). Os ensinamentos de Jesus assim como das Escrituras de um modo geral indicam que: a) a compaixão centraliza-se na necessidade do outro ou outra e não na própria; b) é uma obrigação para com o próximo, isto é, todas as pessoas necessitadas; c) não se trata somente de uma emoção ou um sentimento passivo, mas de uma resposta ativa à necessidade. Além disso, a compaixão não deve ficar limitada às relações pessoais. Também deve influenciar nos problemas sociais. Nos lugares onde há fome, a compaixão requer alimentar quem dela padecem. Onde há pobreza, a compaixão exige a justiça econômica. Onde exista opressão, a compaixão demanda uma reforma sociopolítica. Repetidamente, o salmista indica que Deus é “misericordioso e clemente” (Sl 86.15). Dado que Deus é quem sofre com os que sofrem, é por meio dos atos de compaixão que nos encontramos com Ele. Quando cumprimos o

---

<sup>6</sup> Todas as citações bíblicas seguirão a versão de: A BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

<sup>7</sup> Estoicismo: doutrina filosófica da Antiguidade que condicionava a felicidade a uma atitude de coragem impassível diante da dor e do mal. LAROUSSE, Ática: *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris, Larousse. São Paulo: Ática, 2001. p. 404.

mandamento de “fazer misericórdia e piedade cada qual com o seu irmão” (Zc 7.9), encontramos Deus.

Segundo as imagens gerais que utiliza a Bíblia, a antítese da compaixão é a “dureza de coração”. Neste caso, a compaixão se seca; a pessoa caracterizada pela dureza de coração já não pode ver nem sentir a dor e o sofrimento dos demais. O faraó na passagem do Êxodo é o exemplo bíblico mais claro desta atitude (Êx 8.15).

Conforme o Dicionário de ética cristiana y teologia pastoral<sup>8</sup>, o termo “Misericórdia” significa em primeiro lugar, uma compaixão sentida no fundo do coração, gerada pela necessidade ou angústia de outra pessoa, por parte de quem está em posição de aliviá-la, mas que não está submetido a outra obrigação que a que lhe impõe a força de sua própria compaixão; também é o ato realizado para proporcionar esse alívio. Certamente, se a emoção não se traduz em ação, não pode descrever-se como misericórdia.

Deus aceita cada um na sua condição, caminha com todos igualmente, e oferece a todos a plenitude de Sua vida. A pessoa deficiente não é menos por ser limitado: *No Reino ele é preferido de Jesus, para o Reino é testemunho do Deus que oculta as coisas aos sábios e entendidos e as revela aos pequeninos* (Lc 10.21).

Sob outra perspectiva, na ótica do Budismo, o Lama Padma Samten falando sobre compaixão e amor, numa palestra, em 2004 apresenta que:

[...] Olhar o outro e ver o que afeta a existência dele, para nos manifestarmos de forma positiva para remover os obstáculos, isso é compaixão. Para promover as qualidades positivas, isso é amor.

A compaixão exercida “com-paixão” tem muitas concepções. Apaixonar-se por outra pessoa a princípio parece uma situação instantânea. O amor (ou a repulsa) “a primeira vista” acontecem quase instantaneamente. Segundo Marchand:

[...] a educação supõe, desde o primeiro contato com uma determinada criança, o aparecimento do “par afetivo”, cuja harmonia ou desacordo leva todo o ensino para os numerosos (des)caminhos possíveis.<sup>9</sup>

Sendo assim, o educador transfere seus sentimentos positivos ou negativos (conforme a presença da criança suscite nele) de diferentes formas:

Há tantas maneiras de amar e de “desamar” uma criança! Há tantos educadores que se amam nas crianças, as quais se tornam para eles

<sup>8</sup> ATKINSON, 2004, p. 815.

<sup>9</sup> MARCHAND, Max. *A afetividade do educador*. vol. 23. São Paulo: Summus Editorial, 1985. p. 19.

instrumentos de satisfações pessoais. Há os que pedem às crianças grandes esforços nas tarefas da aprendizagem, mas, no fundo, não buscam senão obter um excelente resultado nos exames, e se sobressair em relação aos demais colegas. O amor pela criança não passa, assim, de uma vanglória profissional, de puro interesse pessoal que aparece no professor sob a forma de egoísmo. Outros amam, no aluno, o que foram na sua juventude, ou o que gostariam de ter sido, e procuram moldá-lo à imagem de suas ilusões perdidas. Outros ainda, tentando ir além desta pobre nostalgia de uma juventude irremediavelmente perdida, procuram fazer nascer na consciência das crianças as ideias que lhes são caras, e que poderão, então, contemplar como em um espelho.<sup>10</sup>

O questionamento que surge então é o seguinte: e quando se trata de crianças com deficiências, seja esta de qualquer índole? O que fazer? Como se apresenta ao lado afetivo do educador? Medos, incertezas, dúvidas, pena, impotência, rechaço... Eis aqui onde a compaixão entra em cena. O educador e a educadora precisa se posicionar com-paixão frente ao seu discente para que através da afetividade, consigam ultrapassar suas próprias limitações e levar seu estudante a novas experiências afetivas e conseqüentemente cognitivas. Essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.

Conforme Saltini, “A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.”<sup>11</sup> Isto se comprova desde os primeiros instantes de vida, quando a criança recém-nascida é colocada no peito de sua mãe. Nas batidas do coração a calma e o conforto, na busca incessante do seu olhar, os olhos da mãe ao receber os primeiros goles de leite. Segundo Gadotti, “só aprendemos quando colocamos emoção no que aprendemos. Por isso é necessário ensinar com alegria.”<sup>12</sup> Tudo que se realiza, se realizado com amor, alcança o seu verdadeiro sentido. A alegria faz parte sem dúvida do amor. Para isto precisamos mudar nossa mentalidade, ou seja, a partir do autoconhecimento e da autoavaliação das nossas possibilidades, capacidades e também limitações e deficiências, pode-se olhar com outros olhos a condição do próximo:

[...] o olhar aqui é justamente aquela mudança de comportamento que se desencadeará em mudança de atitude [...]. Se não mudarmos a forma como elaboramos nossos posicionamentos críticos, nossas posturas não se modificarão. E se nossas posturas não se modificarem, nós é que teremos dificuldades de ter atitudes inclusivas. [...] Esse olhar nos fará perceber o

<sup>10</sup> MARCHAND, 1985, vol. 23, p. 21

<sup>11</sup> SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade e inteligência. A emoção na educação*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. p. 87.

<sup>12</sup> GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2003. p. 49.

que devemos e o que podemos fazer em salas inclusivas, ou em salas de educação especial. Assim, pode até ser que respostas não tenhamos prontamente para dar a todas as questões que aparecem ou aparecerão, mas, com este comportamento, iremos persegui-las.<sup>13</sup>

## 1.2 Fé e Afetividade

A Bíblia define fé como “o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem” (Hb 11.11). E o que tem a ver a fé com a deficiência? Sidnei Vilmar Noé explica que:

[...] a deficiência tem a ver com a fé, com as coisas que cremos e afirmamos como verdadeiras, como, por exemplo, que cada pessoa é amada e aceita por Deus assim como ela é. A comunidade trai a sua fé e as convicções dela decorrentes, quando silencia em torno da questão da deficiência. Em sua convivência haverá necessariamente pessoas com deficiência, pois elas compõem o povo de Deus.<sup>14</sup>

E lembra que Jesus na sua convivência diária, já tinha iniciado um tempo novo focando a inclusão como princípio relacional. Pode-se dizer que Ele colocou em ação a sua afetividade, ao conviver com pessoas com deficiências e acolher surdos, aleijados, cegos, paralíticos dentre outros deficientes.

Uma das dificuldades no estudo da afetividade é a definição do que realmente significa este termo. Na linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, carinho e simpatia. Nas mais variadas literaturas, afetividade está relacionada aos mais diversos termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos.

De acordo com o Dicionário Larousse, afetividade é um conjunto de reações psíquicas do indivíduo frente ao mundo exterior.<sup>15</sup> Estas reações se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Percebe-se ao longo das leituras bibliográficas uma divergência quanto à conceituação dos fenômenos afetivos, pois os termos afeto, emoção e sentimento, aparecem frequentemente como sinônimos. Entretanto, na maioria das vezes, o

<sup>13</sup> ALMEIDA, 2011, p. 32.

<sup>14</sup> NOÉ, Sidnei Vilmar. *Amar é cuidar*. Dez boas razões para integrar as pessoas com deficiência, valorizar a terceira idade, cultivar a saúde integral, viver uma sexualidade sadia, buscar o perdão. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 15.

<sup>15</sup> LAROUSSE, Ática: *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris, Larousse. São Paulo: Ática, 2001. p. 20.

termo emoção está relacionado ao biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação física. Enquanto a afetividade é usada com um significado mais amplo, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.<sup>16</sup>

A afetividade é uma dinâmica mais profunda e complexa vivenciada pelo ser humano. Inicia-se a partir do momento em que um sujeito se liga a outro pelo amor, sentimento único que traz no seu âmago o outro, também complexo e profundo: o medo da perda. Pois quanto maior o amor, o medo da perda e separação se torna mais forte no indivíduo, desencadeando assim outros sentimentos tais como o ciúme, a raiva, o ódio, a inveja, a saudade.

Verifica-se também a presença destes sentimento na escola, onde estão diretamente ligados com a relação docente - discente e na construção da cognição tornando-a mais significativa e prazerosa.

Vários autores dentre eles Fernandez, Dantas, Freire e Gazzoti<sup>17</sup>, defendem portanto que o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, conseqüentemente, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitem a aprendizagem.

Wallon<sup>18</sup> afirma que a afetividade envolve diversas manifestações e abrange os sentimentos (ordem psicológica) e as emoções (ordem biológica). Assim, faz-se necessária a diferenciação dos termos emoção e afetividade, uma vez que, frequentemente, são usados como sinônimos.

O primeiro – a emoção, segundo o dicionário Aurélio é um substantivo feminino que significa “abalo moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo).” Refere-se, também, a manifestações afetivas de estados subjetivos, agregados a componentes orgânicos, como os sentimentos e os desejos. Para o autor, as emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. Atitudes e situação correspondente implicam-se mutuamente, constituindo uma maneira global

---

<sup>16</sup> SILVA LEITE, Sérgio Antônio. *A Afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor*. Disponível em <<http://www.lite.fe.unicamp.br/grupos/alle/textos/textosergio.htm>>. Acesso em 15 nov. 2015.

<sup>17</sup> SILVA LEITE, 2015, p. 1.

<sup>18</sup> WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968. p. 47.

de reagir de tipo arcaico, frequente na criança. Daqui resulta que, muitas vezes, é a emoção que dá o tom ao real.

O segundo termo - a afetividade - tem, de acordo com este autor, uma concepção mais ampla que envolve uma gama maior de manifestações, englobando as dimensões psicológica e biológica. Para Wallon, as emoções permitem ao sujeito uma primeira forma de consciência de suas próprias disposições, ao mesmo tempo em que, sendo visíveis através de vestígios expressos publicamente, constituem-se no primeiro meio de interação com o outro. Sendo assim, a emoção torna-se o primeiro e mais intenso vínculo entre os indivíduos, tendo como forma de expressão, o olhar, o gesto, a mímica.<sup>19</sup>

Nessas circunstâncias, a afetividade tem papel de comunicação nos primeiros meses de vida, possibilitando contatos da criança com o mundo, tornando possível o acesso ao mundo simbólico, dando origem à atividade cognitiva e possibilitando seu avanço. Para ele, a dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto na construção do conhecimento. Então, não podemos desconsiderar o papel da afetividade em nenhum momento: ela deve estar presente em qualquer segmento da educação:

[...] o indivíduo é constituído pela interação de quatro grandes níveis funcionais: a afetividade, a inteligência, o ato motor e a pessoa. São estes quatro níveis interrelacionados que, ao se desenvolverem, dão origem ao ser humano completo.<sup>20</sup>

A partir de uma teoria da emoção, Henri Wallon concebe a dimensão afetiva como conceito fundamental da sua teoria psicogenética da aprendizagem. É preciso, contudo, destacar a diferenciação existente entre afetividade e emoção em seus trabalhos. Na sua obra Wallon afirma que as emoções assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia não o são: "A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações."<sup>21</sup>

A afetividade - segundo a classificação feita nos estágios evolutivos de Piaget - é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a

---

<sup>19</sup> WALLON, Henri, 1968, p. 52.

<sup>20</sup> WALLON, 1968, p. 53.

<sup>21</sup> WALLON, Henri. *As origens do caráter na Criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971. p. 261.

partir das situações. Segundo Piaget, tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo.<sup>22</sup>

Diretamente ligada à emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma como se manifestam dentro dele. Todos os fatos e acontecimentos que houve na vida de uma pessoa trazem recordações e experiências por toda a sua história. Dessa forma, a presença ou ausência do afeto, determinam a forma com que um indivíduo se desenvolverá. Também determina a autoestima das pessoas a partir da infância, pois quando uma criança recebe afeto dos outros, consegue crescer e desenvolver-se com segurança e determinação. A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos por influenciar o desenvolvimento geral, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo.

A análise dos estágios evolutivos criada por Piaget para explicar o desenvolvimento intelectual foi grandemente influenciado pela sua formação e seu trabalho como biólogo. Analisando a interação dos indivíduos com o meio ambiente, concebeu o desenvolvimento intelectual do mesmo modo que o desenvolvimento biológico, entendendo assim os atos cognitivos como atos de organização e de adaptação ao meio.

Piaget definiu o desenvolvimento como um processo contínuo, onde as mudanças no âmbito intelectual são gradativas e os esquemas mentais são construídos e reconstruídos (ou modificados) da mesma forma. Com o propósito de definir o crescimento cognitivo, o desenvolvimento intelectual da criança pode ser dividido em quatro grandes estágios, resumidos da seguinte forma:

\* Inteligência sensório-motora (0 a 2 anos). Durante este estágio, o comportamento é basicamente motor. A criança ainda não representa eventos internamente e não "pensa" conceitualmente, apesar disso o desenvolvimento "cognitivo" é constatado à medida que os esquemas são construídos.

\* Pensamento pré-operacional (2 a 7 anos). Este estágio é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e outras formas de representação e pelo

---

<sup>22</sup> PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Trad. Maria A. M. D'Amorim, São Paulo, S.L. Silva. Rio de Janeiro. Forense, 1967.

rápido desenvolvimento conceitual. O raciocínio, neste estágio, é pré-lógico ou semilógico.

\* Operações concretas (7 a 11 anos). Durante estes anos a criança desenvolve a habilidade de aplicar o pensamento lógico a problemas concretos.

\* Operações formais (11 a 15 anos ou mais). Neste estágio as estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento, e as crianças tornam-se aptas a aplicar o raciocínio lógico a todas as classes de problemas. O desenvolvimento é concebido como um fluxo contínuo de modo cumulativo, em que cada nova etapa é construída sobre as etapas anteriores, integrando-se a elas. Cabe ressaltar que as idades cronológicas são relativas, isto é existem crianças cujo desenvolvimento se dá de forma antecipada ao descrito acima, outras num momento mais tardio.<sup>23</sup>

A estes estágios somam-se fatores que se relacionam ao desenvolvimento cognitivo: maturação e hereditariedade, experiência ativa, interação social e uma sucessão geral do equilíbrio, condições necessárias para o desenvolvimento cognitivo.

Na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo, os quais se desenvolvem de forma paralela e simultânea. Surge aqui o interesse - aspecto concreto da afetividade - que é o que movimenta as atividades cognitivas. Enquanto se pensa o afeto como sendo "diferente" do aspecto cognitivo, eles formam uma unidade no funcionamento intelectual, como os dois lados de uma mesma moeda, visto que todo comportamento tem ambos elementos: o afetivo e o cognitivo.<sup>24</sup>

Piaget afirma que o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará. As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas. O resultado é o conhecimento. Resumidamente, pode-se identificar o desenvolvimento afetivo da criança em cada estágio da seguinte maneira:

---

<sup>23</sup> PIAGET, 1967, p.102.

<sup>24</sup> PIAGET, 1967, p.105.

No período reflexo (0-1 mês): impulsos instintivos e reações afetivas naturais; primeiras diferenciações (1-4 meses) ao período de reprodução (4-8 meses), surgem os primeiros sentimentos adquiridos (alegria, tristeza, prazer, desprazer). Sentimentos de satisfação e de desapontamento ligados à ação. Do período da Coordenação de esquemas (8 -12 meses) a experimentação (12-18 meses), o afeto está envolvido na ativação ou retardamento das ações intencionais. Primeiros sentimentos de sucesso e fracasso. Investimento da afeição em outras pessoas.

Já no período de representação (18-24 meses), três aspectos do desenvolvimento afetivo são dignos de nota:

- 1º) Os sentimentos começam a ter um papel na determinação dos meios usados para alcançar os fins tanto quanto na determinação dos fins. as coisas que são úteis na obtenção dos fins começam a adquirir valor para a criança.
- 2º) As crianças começam a experimentar “sucesso” e “fracasso” do ponto de vista afetivo. os sentimentos associados a ações particulares ou a atividades são preservados (lembrados), as crianças são atraídas pelas atividades em que são bem sucedidas. “No aprender a andar, por exemplo, os sucessos ou fracassos anteriores podem ser vistos como fatores que influenciam o interesse e o empenho. Isto indica de forma clara a presença de algum tipo de autoestima.”<sup>25</sup>
- 3º) No período de 5 e 6 anos, as crianças começam a investir afetividade em outras pessoas (transferir afeto para). Até este momento, os sentimentos eram voltados para si mesmas. Com a diferenciação cognitiva que ela faz de si em relação aos objetos (conceito de objeto), sentimentos como gostar e não-gostar podem começar a ser dirigidos para os outros. O investimento do afeto em outras pessoas é o primeiro passo do desenvolvimento “social”.

Ao se defender que a afetividade em seus primórdios é basicamente orgânica, chama-se a atenção para o fato de que, mesmo nos períodos em que o desenvolvimento do ser humano sofre limites de seu aparato fisiológico, o domínio

---

<sup>25</sup> PIAGET, Jean. *A epistemologia genética - Sabedoria e Ilusões da filosofia: problemas da Psicologia Genética*. Trad. Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Pietro. 2. ed. São Paulo: Abril cultura, 1983. p. 32. Coleção Os Pensadores

afetivo está iniciando seu desenvolvimento. E o limite de seu aparato fisiológico vai ser superado pelo importante papel desempenhado pelo meio social na evolução da criança.<sup>26</sup>

As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, não tem:

[...] meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influencia do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage.<sup>27</sup>

Wallon então prova com sua teoria, que o bebê, se não fosse pela sua capacidade de mobilizar poderosamente, no sentido do atendimento de suas necessidades, ele pereceria. Não é por acaso que seu choro atua de forma tão intensa sobre a mãe. Esta função biológica então é a que dá origem a um dos traços característicos da expressão emocional. É nesse sentido que este autor considera a emoção fundamentalmente social: ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primeiros momentos da vida do indivíduo.<sup>28</sup>

O meio social é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ele, a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade. Na obra walloniana, a afetividade constitui um domínio funcional tão importante quanto o da inteligência. Tanto a afetividade quanto a inteligência são consideradas um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes e indissociáveis em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados:

[...] concebê-las como elementos distantes é incorrer no erro antigo da separação corpo e alma, pois entre as duas não param de desenrolar ações e reações mútuas que mostram como vãs as distinções de espécies que os

---

<sup>26</sup> PIAGET, 1983, p. 35.

<sup>27</sup> WALLON, Henri. *As origens do caráter na Criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971. p. 262.

<sup>28</sup> WALLON, 1971, p. 263.

diferentes sistemas filosóficos fazem entre matéria e pensamento, existência e inteligência, corpo e espírito.<sup>29</sup>

É de se notar que entre a emoção e a atividade intelectual existe interdependência. Assim, vemos que para Wallon, afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento humano, pois quando este, tão logo deixou de ser puramente orgânico ou físico, passou a ser afetivo, e da afetividade lentamente passou para a racionalidade. A afetividade e a inteligência estão imbricadas, havendo um predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas, haverá uma permanente reciprocidade entre elas, pois como afirma Dantas "ao longo do trajeto elas alternam preponderâncias, e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário à exploração da realidade".<sup>30</sup>

Quando Wallon coloca a afetividade em primeiro lugar, é porque é ela, através da emoção que é uma impressão corporal de um estado interno, que faz a comunicação, o intercâmbio entre os indivíduos, e provoca as primeiras representações, figurações e que, adquirem consistência nos movimentos.

Por outro lado, a separação entre emoção e cognição, afetividade e aprendizagem é puramente metodológica, artificial e não pode transformar-se num princípio para orientar procedimentos teórico-metodológicos no processo de escolarização do indivíduo. Por tanto, a afetividade, assim com a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento; são construídas e se modificam de um período a outro, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

---

<sup>29</sup> WALLON, Henri. *L'organique et le social chez l'homme. Enfance*. Paris. Difusão Europeia do Livro, 1963. p. 65.

<sup>30</sup> DANTAS, H. *A infância da razão*. São Paulo: Manoel, 1992. p. 25.

## 2 SOBRE AS DEFICIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

*“pondera tuas limitações... e certamente as terás!”*

*Autor desconhecido*

Neste capítulo observar-se-ão os conceitos de deficiência, a deficiência dentro da religião (muitas vezes considerada como um “castigo divino”) e a compaixão frente a deficiência.

Quando se pensa ou fala em deficiência, vem a mente em primeira instância, as barreiras físicas ou de comunicação que os deficientes enfrentam cotidianamente na sociedade que os acolhe. Porém, pouco se pensa nas barreiras de pensamento e atitudes que tanto deficientes quanto ditos normais criam no mundo das relações interpessoais. Sentimentos tais como superproteção, medo, incompreensão, descaso, dentre outros afloram nas pessoas e isso dificulta em grande parte a aproximação e a inclusão das pessoas com deficiências. É a maneira de encarar a deficiência que limita as relações interpessoais. O individual e o social se fundem para se atingir a inclusão social.

### **2.1 Deficiência: conceitos e terminologias ao longo do tempo**

A falta de informações, o desconhecimento sobre determinados assuntos gera o preconceito e é isso o que acontece na área da deficiência. Perpetuam-se atitudes preconceituosas em relação ao discente com deficiência, fortalecendo estereótipos que dificultam a sua integração em qualquer contexto: as pessoas com deficiências são revoltadas, não podem trabalhar, são vítimas, são incapazes, sofredoras ou heroínas. Este conjunto de ideias, baseado na observação sem nenhum envolvimento com a pessoa, delinea o lugar dos portadores de deficiência na sociedade: na margem, muitas vezes isolados, em um lugar que encarcera a pessoa e suas possibilidades de participação na sociedade.

A concepção acerca da deficiência mudou ao longo do tempo, como demonstram alguns autores, segundo os quais, no decorrer da história da civilização, pode-se constatar que foi gradativo o reconhecimento do espaço conquistado pelas pessoas consideradas "excepcionais", sendo essa conquista relevante para a sociedade, porém teve que passar por diferentes momentos,

lutando constantemente contra inúmeros preconceitos em relação as pessoas com deficiências.

Pessoti oferece uma boa contribuição, apresentando uma revisão histórica que mostra as influências de cada época sobre a concepção da deficiência e a forma como a pessoa com deficiência era vista e tratada em diferentes contextos sociais. O autor destaca que as crianças deficientes em Esparta eram abandonadas e eliminadas do convívio social.

[...] frequentemente na história dos povos, o medo do desconhecido tem gerado ansiedades cuja amenização é buscada na eliminação das fontes de incerteza [...]. Os demônios eram expulsos com os açoites ou a fogueira. Agora que o perigo está no próprio deficiente é ele que se deve expulsar.<sup>31</sup>

Sendo assim, as pessoas com deficiências eram julgadas principalmente no âmbito religioso, invocando a imagem e semelhança de Deus, e com isto, ressaltando a ideia de perfeição física e mental para a condição humana e negligenciando por completo a compreensão e educação do deficiente, inclusive sua essência como ser humano.

Percebe-se ao longo da história, a constante situação de abandono, principalmente muito comum na Antiguidade. A menção à eliminação de crianças “deficientes” em Esparta é muito frequente na literatura e provavelmente essa é a mais remota atitude social de segregação de pessoas com deficiência. Vale ressaltar que, à época, a eliminação daquelas crianças era um ato comum, legitimado política e socialmente.

Desde a Antiguidade até a Idade Média buscavam-se explicações espirituais para a deficiência, atribuindo a ela uma origem diabólica ou divina. Quando o indivíduo com deficiência passou a ser considerado filho de Deus e possuidor de uma alma, a segregação cedeu lugar à tutela da Igreja, que “acolhia” e “cuidava” daqueles que necessitavam da caridade cristã, pois se tratava de indivíduos infelizes e sofredores no aspecto humano e pecadores no aspecto espiritual.<sup>32</sup>

A busca por uma explicação sobrenatural para as deficiências é a base do chamado modelo religioso da deficiência. A concepção de deficiência encontrada nesse modelo foi hegemônica até a Idade Média, mas sua influência cristalizou-se extrapolando a chamada Idade das Trevas, alcançando sutilmente o nosso tempo. A

---

<sup>31</sup> PESSOTI, Isaías. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 187.

<sup>32</sup> PESSOTI, 1994, p. 188.

ideia de que a deficiência é um peso, é indesejável, incômoda e merecedora de compaixão e piedade ainda é forte, embora suas raízes estejam arraigadas nessa forma de pensamento aparentemente tão distante dos tempos atuais. Da mesma forma, é também daquele período a prática de tratamento das deficiências por meio de exorcismos, expiação, penitências e outros rituais religiosos que davam ênfase a uma suposta condição espiritual comprometida.<sup>33</sup>

No século XIX, se iniciaram os primeiros estudos científicos sobre a deficiência, mais especificamente relacionados à deficiência mental, e as pessoas com essas características eram literalmente depositadas e enclausuradas em instituições sem tratamento especializado nem programas educacionais que propiciassem condições mínimas de aprendizagem.

A partir do Iluminismo e da Revolução Industrial, mudanças importantes alteraram a concepção de deficiência. Com a expansão do conhecimento médico e científico, a figura do médico conquistou o lugar do sacerdote, e ele passou a assumir a tutela dos valores sociais e dos processos de cura das doenças. Essa é a base do chamado modelo médico da deficiência. Esse modelo explicativo ainda é muito influente na atualidade, mas seu estabelecimento e consolidação ocorreram no passado e coincidem com um momento histórico em que a valorização social do indivíduo era baseada na sua capacidade de produção.

Naquela época, a razão e o conhecimento tornaram-se altamente valorizados e substituíram as superstições e o mistério. Além disso, o corpo humano precisava corresponder a um ideal de normalidade difundido pelo modelo médico e assimilado pela sociedade e pelo processo de industrialização emergente. Em se tratando das muitas deficiências do corpo; estudos revelam que aquela foi a época em que desapareceram os aleijados e foram criados os incapazes ou inválidos. Naquele momento, a institucionalização ganhou força como forma adequada de resolver as questões ligadas à deficiência, especialmente no campo da educação especial e também em relação às pessoas que possuíam alguma limitação física e que precisavam ser preparadas para se tornar membros produtivos da sociedade.

A institucionalização, que aparentemente era melhor do que o abandono observado na Antiguidade, representou, de fato, uma espécie de morte social que manteve as pessoas com deficiência asiladas e sem voz por mais alguns séculos. A

---

<sup>33</sup> PESSOTI, 1994, p. 188.

partir das modificações' advindas com a doutrina cristã, as atitudes de abandono foram substituídas por sentimentos de misericórdia e caridade. As pessoas com deficiência passaram a ter direitos de sobrevivência. Eram acolhidas em conventos, igrejas e interpretados como indivíduos que estavam sob a proteção especial de Deus.

*Aleijados, inválidos, defeituosos, incapazes, deficientes, pessoas com necessidades especiais, pessoas diferentemente capacitadas, portadores de deficiência* são terminologias que foram surgindo em diferentes épocas e que, ao mesmo tempo, cunharam definições. É impossível nomear estas pessoas sem as estar definindo. Mas como defini-las? Nomeá-las pode encobrir o fenômeno real de possuir uma deficiência. Por outro lado, nomeá-las pode selar seu destino para sempre; voluntária ou involuntariamente, as classificamos e rotulamos, marcando o destino de suas vidas.

Já a sociedade do século XX procurou sanar as suas próprias deficiências sociais, buscando tratamento e assistência para as pessoas com deficiência, sendo que estudos a respeito, passaram do campo teológico, ao metafísico e do científico para ser objeto de estudo multidisciplinar de interesse de todas as áreas do conhecimento.

As pessoas com deficiências constituem uma parcela considerável da população mundial. Não formam um grupo homogêneo, pois existem diferentes deficiências em diferentes áreas (física, mental, sensorial) e graus, além de possuírem a sua singularidade pessoal. Compartilham, no entanto, um ponto comum: são diferentes do convencional “normal”, revelando assim, que é difícil a escolha das palavras certas para definições e terminologias. No entanto, a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, define-as como “qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais.”<sup>34</sup>

Esta definição está baseada na capacidade da pessoa, e não na sua condição física, mental ou sensorial.

---

<sup>34</sup> ONU. *Declaração dos direitos das pessoas deficientes*. Resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 09/12/1975. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

A terminologia adequada é uma questão de valores culturais que vão mudando de época em época, de acordo com as mudanças sociais e as formas organizatórias que a sociedade vai adquirindo ou delineando. É também uma questão de contexto. Para se avaliar o grau de uma deficiência numa pessoa é fundamental avaliar também as exigências que o seu meio lhe impõe, isto é, até que ponto ela é capaz de satisfazer tais exigências, até que ponto suas possibilidades estão longe do nível normal daquele contexto.

Segundo Rosemary Shakespeare “se uma determinada condição é considerada uma deficiência ou não, variará com o meio onde a pessoa vive, com a sua situação pessoal na época, e a atitude da sociedade em relação a ela.”<sup>35</sup>

A pessoa é um todo, integrado com sua deficiência, e não um ser incompleto ou doente.

Segundo Iara Müller, é diferente dizer: “Pedro é inválido ou deficiente”, de dizer “Pedro tem uma deficiência”. Da primeira fala imagina-se que Pedro não atua, nada pode fazer, ele é a sua invalidez. A segunda fala transmite: ah! tem uma deficiência. Deve ser uma pessoa como as outras, mas com certas dificuldades para trabalhar, sair de casa, etc. Não é somente a sua deficiência.<sup>36</sup>

Importa ainda frisar que a deficiência não é uma doença. Deficiência e doença podem ter vários pontos de convergência, como preconceitos, necessidades de atendimento profissional, reabilitação, necessidade de recursos financeiros. No entanto, as deficiências não são mais doenças, embora ocorram casos onde há simultaneidade, mas no geral, as pessoas com deficiência podem tanto gozar de boa saúde, como ter suas debilidades e doenças comuns, independentes da deficiência.

A deficiência [...] não significa isolamento ou sofrimento, pois não há sentença biológica de fracasso ou sofrimento por alguém ser deficiente. O que existe são contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade corporal como diferentes estilos de vida.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> SHAKESPEARE, Rosemary. *Psicologia do deficiente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 18.

<sup>36</sup> MÜLHER, Iara. *Encarando a deficiência*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 28.

<sup>37</sup> MÜLHER, Iara. *Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiências*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 12.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Saúde, deficiência é a “expressão de um processo patológico, na forma de uma alteração de função de sistemas, órgãos e membros do corpo, que podem ou não gerar uma incapacidade.”<sup>38</sup>

De tempos em tempos a terminologia se altera, porque os termos vão se tornando inadequados e adquirem conotação depreciativa. Segundo Leo Buscaglia, ninguém nasce deficiente, mas é fabricado: “É a sociedade, na maior parte das vezes, que definirá a deficiência como uma incapacidade, e é o indivíduo que sofrerá as consequências de tal definição.”<sup>39</sup>

Conforme Débora Diniz, a ideia de que qualquer tipo de deficiência – física ou mental – “nada mais são do que diferentes modos de vida.”<sup>40</sup> Esta nova forma de conceber a deficiência, a partir do século XVIII, faz com que se encare a deficiência com outro olhar. O conceito de normal e anormal passam por um julgamento “estético” ou seja, “um valor moral sobre os estilos de vida”, sendo a deficiência uma das várias possibilidades para a existência humana, o que não quer dizer que se exclua a necessidade de atendimento médico ou de reabilitação, mas faz lembrar que todas as pessoas, indistintamente sejam deficientes ou não, precisam em algum momento de suas vidas de cuidados médicos. Portanto, “a afirmação da deficiência como um estilo de vida não é resultado exclusivo do progresso médico. É uma afirmação ética que desafia nossos padrões de normal e patológico.”<sup>41</sup>

Surge então uma postura forte e difícil de assumir, porém necessária: o medo do diferente. Muitas vezes, o ser humano confrontado com a diversidade, teme pelo que desconhece, e ainda conhecendo, tem medo que isso diferente possa atingir sua própria identidade: “limitamos ou potencializamos nossas posturas diante do outro ou outra.”<sup>42</sup>

## 2.2 Tipos de deficiência

Existem três tipos básicos de deficiência: a física, a mental e a sensorial que se divide em duas: a auditiva e a visual. Há casos de pessoas em que os três tipos

---

<sup>38</sup> FERREIRA MURTA, Genilda (Org.). *Dicionário Brasileiro de Saúde*. 3. ed. São Caetano do Sul: Ed. Difusão, 2014. p. 256.

<sup>39</sup> BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais*. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 55.

<sup>40</sup> DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012. p. 08. (Coleção Primeiros passos nº 324)

<sup>41</sup> DINIZ, 2012, p. 09.

<sup>42</sup> FERNÁNDEZ COLLOT, Noel; MENESES, Alessandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010. p. 20.

acontecem simultaneamente e a esta deficiência designa-se deficiência múltipla, sendo que esta pode variar muito de caso para caso, em graus de incapacidade.

É possível traçar um quadro geral bem amplo: as deficiências físicas podem ser de origem congênita, por amputações ou sequelas e podem caracterizar-se como tetraplegia (quatro membros atingidos), paraplegia (dois membros atingidos) ou hemiplegia (um só lado do corpo atingido).

As deficiências mentais possuem variados graus e podem ser de origem congênita também ou por sequelas e as deficiências sensoriais (surdez e visão) parciais ou totais e podem ter as mesmas causas citadas.<sup>43</sup>

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no intuito de expandir o repertório de doenças, publicou em 1980 um catálogo oficial de lesões e deficiências semelhante à Classificação Internacional de Doenças (CID), chamado Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap (ICIDH) para assim sistematizar a linguagem biomédica referente a lesões e deficiências. Segundo a ICIDH, lesão, deficiência e handicap deveriam ser entendidos como:

- 1) Lesão: é qualquer perda ou anormalidade psicológica, fisiológica ou anatômica de estrutura ou função;
- 2) Deficiência: é qualquer restrição ou falta resultante de uma lesão na habilidade de executar uma atividade da maneira ou da forma considerada normal para os seres humanos;
- 3) Handicap: é a desvantagem individual, resultante de uma lesão ou deficiência, que limita ou dificulta o cumprimento do papel considerado normal.<sup>44</sup>

Posteriormente, em 2001 foi divulgada a Classificação Internacional de Funcionalidade, Deficiência e Saúde (CIF), na qual passou-se a considerar as deficiências com base no corpo, no indivíduo e na sociedade.

[...] O principal objetivo da CIF foi instituir um novo vocabulário, capaz de correlacionar os três domínios de saúde em igualdade de importância de modo a facilitar a compreensão das funcionalidades e das deficiências. [...] Para que seja possível comparar a proposta da CIF com a da ICIDH, alguns conceitos são centrais.<sup>45</sup>

A continuação relacionam-se alguns dos principais conceitos na relação funcionalidade e deficiência. Sendo assim, entende-se por:

<sup>43</sup> FERREIRA MURTA, 2014, p. 259.

<sup>44</sup> World Health Organization. International Classification of Impairments, Disabilities, and Handicaps (ICIDH), Geneva, 1980, p. 27-29. In: Diniz, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012. p. 40. (Coleção Primeiros Passos nº 324)

<sup>45</sup> DINIZ, 2012, p. 47.

Atividade: é a execução de uma tarefa ou ação por um indivíduo. Representa a perspectiva individual de funcionamento; Barreiras: são os fatores ambientais cuja presença ou ausência limitam o funcionamento de um indivíduo e criam a deficiência; Bem-estar: é um termo geral que abrange todos os domínios da vida humana, incluindo os aspectos físicos, mentais e sociais, e que torna possível o que se chama de “vida boa”; Capacidade: é um constructo que, como um qualificador, indica o mais alto nível de funcionamento que um indivíduo pode alcançar em determinado domínio e em dado momento. Descreve a habilidade do indivíduo para executar uma tarefa ou ação. A capacidade reflete o ambiente ajustado às habilidades dos indivíduos; Condição de saúde: é um conceito guarda-chuva para doença, desordem e trauma; Construtos: são componentes dos funcionamentos e da deficiência; Corpo: refere-se ao organismo humano como um todo.<sup>46</sup>

Outros importantes conceitos também foram elucidados, tais como:

Deficiência: caracteriza-se pelo resultado de um relacionamento complexo entre as condições de saúde de um indivíduo e os fatores pessoais e externos. É um conceito guarda-chuva para lesões, limitações de atividades ou restrições de participação. Denota os aspectos negativos da interação entre o indivíduo e os fatores contextuais; Desempenho: é um construto que, como um qualificador, descreve o que o indivíduo faz em seu ambiente. Também pode ser entendido como o “envolvimento em uma situação da vida”; Domínios de saúde ou domínios relacionados à saúde: são todos os aspectos da saúde humana e alguns componentes de bem-estar importantes para a saúde; Estruturas corporais: são as partes anatômicas do corpo. O padrão para essas estruturas é a norma estatística para os seres humanos; Facilitadores: são os fatores cuja presença ou ausência no ambiente em que se encontra a pessoa melhoram o funcionamento e reduzem a deficiência;<sup>47</sup>

Por último, conceituam-se os principais fatores que influenciam as deficiências assim como as principais funções e outros conceitos importantes:

Fatores ambientais: resumem o ambiente físico e social, bem como as atitudes presentes onde os indivíduos vivem. São fatores externos ao indivíduo e podem ter influências negativas ou positivas sobre ele; Fatores contextuais: representam a vida do indivíduo. Incluem dois componentes: fatores ambientais e fatores pessoais; Fatores pessoais: não são classificados pela CIF. Podem incluir gênero, raça, idade e outras condições, como educação, hábitos, estilo de vida, etc.; Funcionamento: é um conceito guarda-chuva que engloba todas as funções e estruturas corporais, bem como as atividades e a participação. Representa os aspectos positivos da interação entre o indivíduo e os fatores contextuais; Funções corporais: são as funções fisiológicas e psicológicas dos sistemas corporais; Lesões: são problemas na função corporal ou na estrutura, como desvios ou perdas significativas. No sentido médico, as lesões não são patologias, mas as manifestações das patologias. As lesões são determinadas por um desvio de uma categoria genérica aceita para os padrões de determinada população; Limitações de atividades: são dificuldades que um indivíduo pode ter ao executar as atividades; Participação: é o envolvimento nas situações da vida. Um indicador possível de avaliação é o desempenho; Restrições de participação: são problemas

<sup>46</sup> DINIZ, 2012, p. 48.

<sup>47</sup> DINIZ, 2012, p. 48-49.

que um indivíduo pode experimentar no envolvimento em situações da vida. A presença de uma restrição de participação é determinada comparando-se a participação de um indivíduo com o que se espera de um indivíduo sem deficiência em determinada cultura ou sociedade.<sup>48</sup>

Max Marchand nos lembra: “é preciso trabalhar o indivíduo como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade [...]”<sup>49</sup>

Para especificar ainda mais os tipos de deficiência, destaca-se a deficiência mental da intelectual. Segundo o Dicionário Larousse, fala-se em deficiente mental quando o “indivíduo que apresenta deficiência mental, ou seja, a condição caracterizada por insuficiência da eficácia intelectual, com aspecto clínico não se resume apenas em deficiência intelectual”. Já a deficiência intelectual, segundo o mesmo Dicionário reporta a “insuficiência da eficácia intelectual que não permite a um indivíduo responder de maneira adaptada às exigências de seu meio ambiente e que constitui um dos aspectos clínicos da deficiência mental”.<sup>50</sup>

Já o Dicionário Brasileiro de Saúde define a deficiência mental:

Segundo a descrição do DSM IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 4ª edição), a característica essencial do retardo mental é quando a pessoa tem um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das seguintes áreas de habilidades: comunicação, autocuidados, vida doméstica, habilidades sociais, relacionamento interpessoal, uso de recursos comunitários, autossuficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança. Essa é também a definição de deficiência mental adotada pela AAMR (Associação Americana de Deficiência Mental - AAMR).<sup>51</sup>

Antes da década de 80, muitos termos já existiam mas a partir dessa data, o termo mais utilizado foi o de “deficiência mental”. É a expressão que designa todos os níveis de desenvolvimento intelectual subnormal. Logicamente, deveria abranger todos os gêneros de funções mentais, mas foi restringida, entretanto, à deficiência intelectual e de outras funções em que ela se manifesta como corolário do baixo nível de desenvolvimento intelectual.

Conforme o Dicionário de Psicologia e Psicanálise, distinguem-se, convencionalmente, os seguintes graus:

<sup>48</sup> DINIZ, 2012, p. 49.

<sup>49</sup> MARCHAND, Max. *A afetividade do educador*. vol. 23. São Paulo: Summus, 1985.

<sup>50</sup> LAROUSSE, Ática: *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris, Larousse. São Paulo: Ática, 2001. p. 272.

<sup>51</sup> FERREIRA MURTA, 2014, p. 256.

[...] deficiente limítrofe, em que a pessoa é legalmente competente mas ligeiramente subnormal em inteligência (QI 70-80); debilidade (QI 50-69), em que a pessoa é capaz de ganhar a vida, sob condições favoráveis, mas não pode competir em igualdade de termos, por defeito mental congênito ou adquirido na infância, com os seus semelhantes normais; imbecilidade (QI 25-49) em que a pessoa é capaz de proteger-se contra perigos correntes mas não de ganhar a vida; idiota (QI abaixo de 25) em que a pessoa é incapaz de proteger-se dos perigos comuns nem pode ser ensinada a coordenar a fala.<sup>52</sup>

Atualmente, há uma tendência mundial de se usar "deficiência intelectual" visto que tem a ver com o fenômeno propriamente dito, isto é com o funcionamento do intelecto especificamente e não ao funcionamento da mente como um todo.

A expressão deficiência intelectual foi oficialmente utilizada já em 1995, quando a Organização das Nações Unidas (juntamente com The National Institute of Child Health and Human Development, The Joseph P. Kennedy Jr. Foundation, e The 1995 Special Olympics World Games) realizou em Nova York o simpósio chamado *Intellectual Disability: Programs, Policies, and Planning for the future* (Deficiência Intelectual: Programas, Políticas e Planejamento para o Futuro).<sup>53</sup>

Somente neste século graças ao avanço dos estudos na área da neurociência, foi possível fazer uma distinção entre os termos Deficiências e Transtornos, visto que durante muitos anos foram considerados sinônimos, gerando grandes confusões. É de suma importância estabelecer as diferenças. Porém, no século XXI, a deficiência intelectual ainda assusta muita gente o que facilita a tendência à segregação e marginalização das pessoas com deficiência. Com a elaboração de leis que assegurem os direitos e deveres dessas pessoas e seu papel na sociedade, a história vem se revertendo aos poucos.

### Segundo Sasaki

O indivíduo com Deficiência Intelectual recebeu inúmeras terminologias durante o processo histórico: oligofrênico; cretino; tonto; imbecil; idiota; débil profunda; criança subnormal; criança mentalmente anormal; mongolóide; criança atrasada; criança eterna; criança excepcional; retardada mental em nível dependente/custodial, treinável/adestrável ou educável; deficiente mental em nível leve, moderado, severo ou profundo (nível estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, 1968); criança com déficit intelectual; criança com necessidades especiais; criança especial, etc..<sup>54</sup>

<sup>52</sup> ALVES. *Dicionário de Psicologia e Psicanálise*. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2014. p. 94.

<sup>53</sup> SASSAKI, Romeu Kazumi. *Deficiência Mental ou deficiência intelectual*. s.l., dez., 2004. Disponível em: <<http://todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/acessibilidade-e-inclusao/textos/deficiencia-mental-ou-deficiencia-intelectual/>>. Acesso em: 15 nov.2015.

<sup>54</sup> SASSAKI, 2004.

Conforme o mesmo autor, o termo deficiente intelectual “é mais apropriado por referir-se ao funcionamento do intelecto especificamente e não ao funcionamento da mente como um todo.”<sup>55</sup>

Para o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais a Deficiência Intelectual possui muitas etiologias diferentes e pode ser vista como uma via final comum de vários processos patológicos que afetam o funcionamento do sistema nervoso central:

- a) Hereditariedade (5%): Mutações gênicas, erros inatos metabólicos;
- b) Alterações precoces do desenvolvimento embrionário (aproximadamente 30%): alterações cromossômicas (ex: Síndrome de Down) ou dano pré-natal causado por toxinas (por ex., consumo materno de álcool, infecções como a Rubéola);
- c) Problemas da gravidez e perinatais (aproximadamente 10%): desnutrição fetal, prematuridade, hipóxia, infecções virais, trauma encefálico, entre outras;
- d) Condições médicas gerais adquiridas no início da infância (aproximadamente 5%): infecções, traumas e envenenamento (por ex., devido ao chumbo);
- d) Influências ambientais e outros transtornos mentais (aproximadamente 15-20%): privação de afeto e cuidados (maus tratos) bem como a falta estimulação social, linguística e outras;
- e) Transtorno Invasivo do Desenvolvimento Severo.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> SASSAKI, 2005.

<sup>56</sup> ASSOCIAÇÃO Americana de Psiquiatria. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: Dsm5*. Washington, 2013.



### 3 COMPAIXÃO E AFETIVIDADE

*“A humanidade perdeu seu lado humano. Devemos trabalhar para recupera-lo.”*

*Dom Dirceu Milani*

No terceiro e último capítulo deste trabalho, abordar-se-á a prática da compaixão e da afetividade como ferramentas efetivas para o trabalho da inclusão.

#### 3.1 Formação de docentes

Percebe-se que atualmente o processo de inclusão está sendo um tema colocado em evidência, no entanto, observa-se que o mesmo leva-nos a inúmeros questionamentos que merecem um olhar especial e reflexível, visto que os questionamentos permeiam justamente a necessidade da formação de docentes capacitados para desenvolver um trabalho de qualidade no âmbito da inclusão social e da educação especial.

A formação de docentes para trabalhar com as pessoas deficientes está evoluindo, visto que constantemente estão surgindo novas especializações, cursos dos mais variados que oferecem capacitações específicas para lidar com cada tipo de deficiência. Porém, é necessário também que esses sistemas de formação docente sejam constantemente repensados, levando em consideração não só o processo permanente de desenvolvimento profissional, mas também o aspecto humano, psicológico e espiritual do próprio docente.

A sensibilidade, para ser desenvolvida, precisa estar revestida pelo tempero básico da afetividade. Somente tocados pelo afeto, poderemos nos tornar mais sensíveis em relação a si e ao outro. A relação como o outro se dá nos diferentes segmentos da sociedade. A família, primeiro ponto de encontro, a escola, a igreja, o clube, o círculo de amizade, as associações de bairro, e tantos outros espaços são os grupos onde podemos exercitar a nossa humanidade. Segundo Restrepo, “as grandes decisões de nossa vida se alimentam do calor ou da amargura que conseguimos perceber nos climas afetivos desde a infância.”<sup>57</sup>

É olhando para o outro, como ele merece, com significado, que vamos tecendo novas possibilidades e novas maneiras de encararmos as dificuldades:

---

<sup>57</sup> RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 58.

Construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros. A categoria cuidado recolhe todo esse modo de ser. Mostra como funcionamos enquanto seres humanos.<sup>58</sup>

### 3.2 Educação com afetividade

Afetividade na Educação é um tema que deveria ser mais investigado e debatido tanto no meio acadêmico quanto no âmbito profissional e no meio escolar. Os docentes deveriam saber lidar melhor consigo mesmos e com os outros, conhecer melhor como se produzem e se manifestam seus sentimentos e outras manifestações afetivas, para poder lidar melhor com seus discentes, colegas de trabalho e familiares dos discentes, pois falar de afetividade na educação é falar da importância de se atentar para a qualidade das relações que se estabelecem entre docentes e discentes e entre docentes e demais membros da escola e da sociedade.

Historicamente, a afetividade sempre apareceu ligada à Educação, tanto que normalmente o papel do docente foi considerado pertinente ao sexo feminino. Acreditava-se que a mulher era mais afeita às questões da afetividade. Intuitivamente, docentes, pais e mães, percebem, no dia a dia, a importância dos laços afetivos no processo da educação, e conseqüentemente, da inclusão dos estudantes com deficiências.

Tendo como base um olhar holístico do mundo e dos seres humanos, focar a importância da afetividade na Educação, é ampliar os conceitos tradicionais e os ainda tão validados de “causa e efeito”. E defender uma visão humanístico-existencial mais ampla e a crença de que se cresce, descobre e aprende apenas em uma relação. Não se questiona mais que a afetividade acompanha o ser humano desde sua vida intrauterina até a sua morte, se manifestando como uma fonte geradora de potência e energia, e sendo o alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento racional. O que se coloca como fundamental é a importância de perceber o ser humano como um todo, onde sentimento, corpo e razão tem um significado muito maior do que dentro de um enfoque analítico e segmentado de cada parte, além de vê-lo como um ser que se

---

<sup>58</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 12.

relaciona e cuja realidade é construída no convívio com os demais, sendo ele, portanto, o único responsável pela realidade que constrói.

Sendo assim, o docente não pode ser visto nem se conformar em ser apenas aquele que ensina, ou ser um mero transmissor de conhecimentos. Ele é, num enfoque holístico, antes de tudo, aquele cuja função primeira é educar e aprimorar seus discentes como pessoa humana. Como já fora mencionado anteriormente, o docente, ao entrar em sala de aula, carrega uma história de vida, influenciada pelo seu grupo socioeconômico, por crenças e mitos familiares, por influências do trabalho que vivencia, por relações interpessoais com colegas e por múltiplos estados emocionais. Por isso a importância de que o docente também se autoavalie e atente para o que lhe pertence e que pode estar interferindo na relação com seus discentes e no modo como está exercendo seu papel de educador e educadora.

Seguindo este enfoque, o/a discente também não é meramente aquele que aprende e é capaz de repetir o que lhe é ensinado. Como declara Charlot:

[...] um discente não é apenas uma criança de tal família, não é apenas o membro de um grupo sociocultural. Ele é também sujeito, com uma história pessoal e escolar. É um discente que encontrou na escola tais docentes, tais amigos, tais aulas, e que teve surpresas boas e más. É uma criança cujos pais, disseram que o que se aprende na escola é muito importante para a vida ou, ao contrário, que não serve para nada. É uma criança que tem irmãos e irmãs ou não, que são bem-sucedidos na escola ou não, e que podem ajudar a criança ou não, etc. [...].<sup>59</sup>

Portanto, o ensinar é um processo basicamente relacional, onde tanto o docente, como a escola, o meio social são responsáveis pelo desenvolvimento, sucesso ou fracasso, inclusão ou exclusão. Como se relacionar bem sem inserir afeto nas relações interpessoais? Como se relacionar sem considerar sentimentos, desejos e necessidades de ambos os lados, daquele e daquela que ensinam e daquele e daquela que aprendem?

Embora o docente tenha alto nível intelectual e amplo conhecimento da matéria que leciona, a maneira como ele se relaciona com seus discentes será a chave do sucesso na transmissão do que ensina. Respeito pelas diferenças, abandono de pré-conceitos, vontade de aprender e não de exercer poder, saber escutar, ter equilíbrio emocional, coerência, perseguir clareza de objetivos

---

<sup>59</sup> CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudante de periferia. *Caderno de Pesquisa*. nº 97, maio, 1996. p. 47.

delineados, saber elogiar em lugar de priorizar os erros, são itens fundamentais para a construção de uma educação inclusiva<sup>60</sup> e de qualidade.

Existe uma forte ligação entre o aspecto afetivo e o aspecto cognitivo, sendo o afeto e as emoções ou sentimentos partes fundamentais da vida psíquica. Afetos devem ser explorados e trabalhados em sua totalidade no ambiente escolar. Falar em afetividade é acreditar em uma educação com relevância social e, em uma escola construída a partir do respeito, compreensão e autonomia de ideias com a pretensão de formar cidadãos honestos e respeitáveis que olhem o mundo com a intenção de transformá-lo, sujeitos autônomos capazes de pensar por si próprio sem deixar de lado o Outro:

As emoções são organizadoras internas das reações humana, que transformam os sentimentos em tensões, exercitam, estimulam ou freiam todas as reações e sentimentos. Dessa forma a emoção conserva o papel de organizador interno do comportamento humano. O afeto é a parte de psiquismo responsável pela maneira de sentir e perceber a realidade. A afetividade é, então, a parte psíquica responsável pelo significado sentimental de tudo que se vive. Se algo que se vivencia está sendo agradável, prazeroso, sofrível, angustiante, ou causa medo, pânico, ou dá satisfação, esses conceitos são aprendidos pela afetividade.<sup>61</sup>

Galvão expressa:

É a cultura e a linguagem que fornecem ao pensamento os instrumentos para a sua evolução. O simples amadurecimento do sistema nervoso não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que se desenvolvam, precisam interagir com alimento cultural, isto é, linguagem e conhecimento. Dessa forma não é possível estabelecer o grau de conhecimento ou inteligência do indivíduo, pois estas só se dão através do convívio com a sociedade e o desenvolvimento individual de cada um.<sup>62</sup>

<sup>60</sup> **Educação inclusiva:** é uma ação educacional humanística, democrática, amorosa mas não piedosa, que percebe o sujeito em sua singularidade e que tem como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. O conceito de educação inclusiva surgiu a partir de 1994, e a ideia é que as crianças com deficiências sejam incluídas em escolas de ensino regular. O objetivo da inclusão demonstra uma evolução da cultura ocidental, defendendo que nenhuma criança deve ser separada das outras por apresentar alguma espécie de deficiência. Do ponto de vista pedagógico esta integração assume a vantagem de existir interação entre crianças, procurando um desenvolvimento conjunto. No entanto, por vezes, surge uma imensa dificuldade por parte das escolas em conseguirem integrar as crianças com deficiências devido à necessidade de criar as condições adequadas. Disponível em: <<http://www.deficiencia.no.comunidades.net/educacao-inclusiva-especial>>. Acesso em: 20 out. 2015.

<sup>61</sup> RODRIGUES LIMA PINTASSILGO, Claudia. *A relevância da afetividade na aprendizagem*. 2010. Monografia (Especialização Lato Sensu) - Instituto A Vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Niterói, 2010. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/n204090.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n204090.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2015.

A afetividade é inerente ao ser humano, ela sustenta e é base da vida, norteia o desenvolvimento do sujeito, em especial a construção da sua personalidade, e se manifesta no clima de acolhimento, de empatia, compreensão para consigo mesmo, e com os outros. A afetividade dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados, facilita a comunicação, toca, envolve os participantes promovendo a união. Sendo assim um componente básico do conhecimento que está intimamente ligado ao sensorial e ao intuitivo. Através dela o ser humano procura direcionar o seu objetivo maior que é viver em harmonia na sociedade.

Segundo Almeida

O homem não precisa auto preservar-se como também se adaptar a diversas circunstâncias do meio social. É no convívio com o meio social, na interação com os outros que as emoções rudimentares vão se tornando mais socializadas. Assim comenta Martinet (1981), o fenômeno emoção é dinâmico em movimento em que uma expressão emocional impulsiona a outra, e assim sucessivamente.<sup>63</sup>

As relações afetivas se dão primeiramente através das emoções e em segundo lugar no lado racional. A afetividade é um estado de afinidade profunda entre os sujeitos. Assim, na interação afetiva com outro sujeito, cada sujeito intensifica sua relação consigo mesmo, observa seus limites e, ao mesmo tempo, aprende a respeitar os limites do outro. Ela é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca, é “essencial”, para que haja o pleno desenvolvimento das características do ser humano, a afetividade que domina todas as ações do sujeito, e conseqüentemente todas as ações do ser humano estão dominadas pela afetividade, permitindo que o sujeito se desenvolva. A educação está ligada a um segmento mais humano, voltada para as necessidades do ser humano e suas características de um ser dotado de espírito, corpo, emoção e razão. O afeto desempenha um papel importante no funcionamento da inteligência, pois sem o afeto não haveria interesse, necessidade e motivação, conseqüentemente os problemas não seriam questionados, sendo assim, não haveria inteligência. A afetividade é uma das condições necessárias da constituição da inteligência. De acordo com Piaget:

As construções intelectuais são permeadas passo a passo pelo aspecto afetivo e ele é muito importante. Tal aspecto diz respeito aos interesses, motivações, afetos, facilidades, esforço, ou seja, ao conjunto de sentimentos que acompanha cada ação realizada da criança. A afetividade

---

<sup>63</sup> ALMEIDA, A. R. S. *Emoção na sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999. p. 69.

é o motor das condutas. Ninguém se esforçará para resolver um problema de matemática, por exemplo, se não se interessar em absoluto pela disciplina. Percebemos então que os aspectos afetivos e cognitivos se relacionam mutuamente, em cada situação eles estão presentes influenciando as ações do sujeito.<sup>64</sup>

A escola é um espaço amplo, onde se encontram diferentes valores, experiências, concepções, culturas, crenças e relações sociais se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Essa rica heterogeneidade que permeia a escola acaba por se confrontar com uma estrutura pedagógica que está baseada num padrão de sociedade e de homem, onde a diferença é vista de forma negativa, gerando assim uma pedagogia excludente.

Somos seres inacabados e incompletos como temos consciência disso. Por isso, precisamos aprender “com”, ou seja necessitamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pela realidade em que vivemos. E mesmo sendo portadores de deficiências, não podemos nos extrair do mundo no qual vivemos.

No cotidiano escolar as relações têm se mostrado cada dia mais difíceis e conflitantes. Segundo Wallon apud Galvão

No cotidiano escolar são comuns as situações de conflito envolvendo professor e alunos. Turbulência e agitação motora, dispersão, crises emocionais desentendimentos entre alunos e destes com o professor são alguns exemplos de dinâmicas conflituais, que com frequência deixam a todos desamparados e sem saber o que fazer. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises, funcionando como “termômetro” do conflito.<sup>65</sup>

A afetividade, as emoções não são levadas em consideração, não há uma relação entre cognição e o afeto, hoje se preza mais a razão. Deixa-se de lado a relevância dos aspectos afetivos no processo do conhecimento. Não somos seres condicionados apenas pela nossa constituição biológica, uma vez que o social pode superar as condições biológicas. Isso significa dizer que a afetividade, de ordem basicamente orgânica, recebe influências do meio social, e dependendo de uma evolução da afetividade que se afasta da base orgânica e se torna cada vez mais relacionada ao social.

<sup>64</sup> PIAGET, Jean. *A epistemologia genética e Ilusões da filosofia; problemas da Psicologia Genética*. Trad. Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Pietro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983. Coleção Os Pensadores. p. 216.

<sup>65</sup> GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 104.

Wallon afirma que a dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto na construção do conhecimento. Então, não podemos desconsiderar o papel da afetividade em nenhum momento. Ela deve estar presente em qualquer segmento da educação, mesmo que de uma forma diferente dos anos iniciais de escolarização. O indivíduo é constituído pela interação de quatro grandes níveis funcionais: a afetividade, a inteligência, o ato motor e a pessoa. São estes quatro níveis interrelacionados que, ao se desenvolverem, dão origem ao ser humano completo.<sup>66</sup> O desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para isso, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem, entendida como todo e qualquer sistema de comunicação e os diferentes sistemas simbólicos desenvolvidos pela cultura, inclusive os aspectos contidos nas dimensões afetivas das interações que ocorrem durante toda a vida do indivíduo. Pode-se dizer que tanto a afetividade quanto a inteligência, desenvolvem-se através de processos sociais, de interações, incluindo a interação com outros sujeitos e a apropriação dos fins e instrumentos culturais. O sujeito constitui-se na e pela interação verbal, podendo se constituir em um novo sujeito em relação com um outro, a partir da linguagem.<sup>67</sup>

Diante do que foi exposto, nota-se que a afetividade e a inteligência, durante o seu desenvolvimento interrelacionam-se, com predominância ora da afetividade, ora da inteligência, movimento de alternância através do qual cada nível funcional apropria-se dos avanços e conquistas do outro para, então, também evoluir. Percebe-se, então, no processo de aprendizagem, a integração entre aspectos afetivos e cognitivos, os quais, interrelacionando-se, promovem o desenvolvimento do sujeito. Assim, a afetividade se faz aliada ao desenvolvimento do processo cognitivo, pois, para sua evolução, ela depende dos avanços alcançados pela inteligência, assim como a inteligência, para suas conquistas, depende dos avanços da afetividade, gerando o desenvolvimento do indivíduo como um todo.

Um fator muito importante para o desenvolvimento – processo pelo qual o indivíduo vai se apropriando dos elementos culturais – é a aprendizagem. Dessa forma, observa-se que as teorias de Wallon e Vygotsky admitem que é o ser humano se desenvolve por meio das interações sociais, incluindo, as interações em

---

<sup>66</sup> MELO, Fabíola Cristina. A afetividade na sala de aula e a atuação dos professores no Ensino Médio – reflexões pontuais. *Evidência*, Araxá, v. 8, n. 8, p. 143-156, 2012. Disponível em: <<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/viewFile/9/8>>. Acesso em: 15 set. 2015.

<sup>67</sup> MELO, 2012.

sala de aula, repletas de afetividade, constituindo-se manifestações de emoção, as quais exercem grande influência no desenvolvimento cognitivo.

Estes autores assumem que há uma tensão intrínseca entre as dimensões afetivas e a atividade intelectual, em que à medida que a inteligência vai atingindo novos estágios, a afetividade vai se cognitivizando, pois as conquistas da inteligência são incorporadas ao plano da afetividade. O mesmo ocorre com a evolução da afetividade: acredita-se que ocorra um refinamento das trocas afetivas que atue sobre a inteligência, incorporando-se a ela. Portanto, quando há afetividade por parte dos discentes e docentes, a aprendizagem pode ocorrer mais facilmente.<sup>68</sup>

A mediação tem um papel fundamental no processo de aprendizagem. Durante a mediação entre professor e aluno, acontecem desafios e trocas que geram aprendizagem. Assim, as relações vivenciadas na sala de aula, proporcionadas pelos professores e professoras, podem fornecer modelos de aprendizagem para o sujeito, caracterizando a *mediação* como papel intrínseco ao professor no processo de ensino-aprendizagem.<sup>69</sup>

Vygotsky<sup>70</sup> assevera que o desenvolvimento humano depende, sobremaneira, do processo de interação que ocorre entre as pessoas e da relação com os objetos culturais. Diante disso, vale ressaltar que a escola constitui-se como um espaço legítimo para o desenvolvimento sócio-afetivo dos sujeitos, sendo também espaço de construção da afetividade e do conhecimento centrado na intervenção sobre a inteligência. Vale lembrar que, na escola, como em qualquer outro ambiente, o sujeito se define como sujeito de conhecimento e de afeto. Essa condição faz com que a escola tenha um papel determinante como mediadora, uma vez que nela, experiências e conhecimentos vivenciados adquirem significado inestimável para o desenvolvimento social e afetivo do ser humano. Então, não podemos descartar nenhuma forma de conciliar estes aspectos: o cognitivo e o afetivo. Portanto, todas as atividades de ensino desenvolvidas pelo professor, visando ao sucesso dos alunos devem ser permeadas pela afetividade e proporcionar uma boa relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

---

<sup>68</sup> WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.

<sup>69</sup> CARVALHO DA SILVA, Noelma. *A importância da afetividade na educação de jovens e adultos*. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/christianaceapcursos/a-importancia-da-afetividade-na-educacao-de-jovens-e-adultos-noelma-carvalho-da-silva>>. Acesso em: 22 set. 2015.

<sup>69</sup> MELO, 2012.

<sup>70</sup> VIGOTSKI, Lev Semenovich. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

### 3.3 Alternativas que contribuem para apoiar as pessoas com deficiências

Segundo José Sergio Troyano Botello<sup>71</sup> para cumprir a missão encomendada a todo ser humano, é preciso atingir alguns aspectos, tais como:

Estar completamente sensibilizados com esse trabalho; conhecer-nos muito bem: apoiar-nos entre nós mesmos; ensinar e acompanhar. A compreensão teológica que tenhamos do mundo da deficiência deve ser suficientemente ampla para poder levar em consideração todos os aspectos da vida humana em relação à graça salvadora de Cristo. O Senhor Jesus veio para que nós tenhamos vida e para que ela seja abundante.<sup>72</sup>

E acrescenta:

A compreensão teológica que tenhamos do mundo da deficiência deve ser suficientemente ampla para poder levar em consideração todos os aspectos da vida humana em relação à graça salvadora de Cristo. O Senhor Jesus veio para que nós tenhamos vida e para que ela seja abundante (Jo 10.10).<sup>73</sup>

A afetividade está presente em cada momento da vida do ser humano. Todo ser humano pensa, sente, age. Não importa se ele tem um coeficiente intelectual altíssimo, é um superdotado, ou se não consegue comunicar-se com o meio no qual está inserido, seja por uma ou várias limitações, físicas ou psíquicas. Se o “sentir” estiver ausente ou muito limitado, não conseguirá estar incluído na sociedade na qual vive.

Todos têm direito e devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade: professores, alunos, pais, família, escola, igreja... sem o desenvolvimento da afetividade, não há motivação para a aprendizagem, para a socialização:

Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo, cultura.<sup>74</sup>

Giovanni Cattenei afirma:

Existe e é útil conhecer a pedagogia da emotividade, ultrapassada e exaltada no encontro das identidades pessoais e do desenvolvimento da humanitas, cujo desperdício e perda já temos. Muitas crianças em crescimento revelam hoje escassez de fantasia e imaginação, e somente latentes inclinações emocionais e afetivas, incapacidade frequente de ter

<sup>71</sup> TROYANO BOTELLHO, 2010, p. 143.

<sup>72</sup> TROYANO BOTELLHO, 2010, p. 143.

<sup>73</sup> TROYANO BOTELLHO, 2010, p. 143

<sup>74</sup> SANCHES ROSSINI, Maria Augusta. *Pedagogia Afetiva*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

afetividade e amor, além da afeição, o hábito e o costume, a convivência e a gratidão, a mitificação e a mera ritualidade, a simples expressão e fraca comunicação, sem força interior, sem ímpeto, talvez impetuosa, paixão, grandiosidade. Vivemos na era do nivelamento humano, das pobreza de alma, da interioridade sonolenta, do desaparecimento do entusiasmo e da admiração.<sup>75</sup>

Portanto, o referido autor nos lembra:

O empenho pedagógico - que muitas vezes nos leva à fácil explosão dos afetos e do amor, dos sentimentos e das atrações empáticas, das compensações nem sempre recompensadas - permanece além daqueles que - na "burolíngua" cotidiana de uma época como a atual, dominada pelos fatos e não pelas ideias, pelas necessidades e não pelos valores, pelas técnicas e não pelos conhecimentos - caminham obrigatoriamente na direção da reconquista da dignidade e da consistência da pessoa, da sabedoria do sentir querendo (do observar, não do mero viver; do escutar, não do mero ouvir; no apalpar e não no mero tocar; no saborear e não no mero degustar; no cheirar e não no mero olfato). Isso comporta, concluindo, reivindicar sistemática e metodicamente os direitos humanos e os deveres pedagógicos para o desenvolvimento, mas que o mero aumento, a complexa variedade da personalidade integral, muito além da defesa enganadora, da inteligência instruída e nocionista, só informada, não aculturada.<sup>76</sup>

Conforme Codo e Gazzoti<sup>77</sup>, "o elo de afetividade vai se formando numa troca entre os pares e é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem. O ensino inclusivo proporciona essa integração ao professor e ao aluno." Ambos aprendem como atuar e interagir com seus pares no mundo real, ratificando as condições previstas na Declaração de Salamanca<sup>78</sup> de 1994, gerando-se um sentimento de respeito à diferença. Essa é uma mudança de concepção a respeito da deficiência, que começa por aqueles professores que ensinam, respeitando as diferenças.

Na proposta da escola inclusiva, as diferenças devem ser respeitadas e valorizadas. Diferenças não devem desaparecer em uma identidade única, mas engendrar uma interação que valorize as peculiaridades de cada aluno. Sendo assim, o professor precisa estar atento à singularidade de cada integrante do grupo, promovendo o intercâmbio entre a diversidade de singularidades e

<sup>75</sup> CATTENEI, Giovanni: "Motivações" da educação emotivo-afetiva na escola de educação infantil. In: BONTEMPI, Anna Maria, RUSTIONI, Daniela, VICENTINI, Delio, CATTANEO, Mario, GUIZZI, Piergiorgio, CECCATTONI, Rosanna, FERRAROTI, Walter (Orgs.). *A educação emotivo-afetiva na escola de educação infantil*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 17-18. (Coleção Pedagogia e Educação)

<sup>76</sup> CATTENEI, 2013, p. 17-18.

<sup>77</sup> CODO, W.; GAZZOTI, A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>78</sup> DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Sobre os princípios e práticas em Educação Especial*. Espanha, 1994.

complementando-as, sem a intenção de obter uma turma “homogênea”. Os professores, que encontraram mais sucesso e menos sofrimento diante do trabalho inclusivo, estão vinculados à aceitação da diversidade e gratificação nas atividades desenvolvidas com os alunos, aceitando e respeitando às diferenças dos alunos, independente de suas condições físicas.

### **3.4 Alguns motivos para integrar as pessoas com deficiência**

Tomando como base o texto de Sidnei Vilmar Noé<sup>79</sup>, destacam-se alguns pontos importantes à reflexão deste trabalho. O autor lembra que existem no mínimo dez razões para integrar as pessoas com deficiência na família, na comunidade, na escola, na sociedade.

- 1- “Todos somos portadores de deficiência”: esta é uma razão de ordem teológica, visto que diante de Deus todos os seres humanos, não importa sua condição, são pessoas com deficiência, a qual pode ser sintetizada na falta de amor. Se é deficiente quando não se vive o amor, quando não se cuida devidamente da família, dos amigos, da natureza e do planeta.
- 2- “Cada pessoa com deficiência é única e especial”, visto que “aquilo que nos iguala é aquilo que nos distingue”: todos são seres imperfeitos, inacabados, com deficiências de origem emocional, devido a substituição do ser pelo ter, o que leva ao sofrimento e ao vazio interior. Se banuiu a espiritualidade e se substituiu pelo materialismo desenfreado, característica perfeitamente visível na sociedade atual.
- 3- “As limitações tornam-nos abertos para Deus” pois somente quando se sente o vazio interior, é que as forças a esperança se voltam para Deus, em busca da integridade.
- 4- “Limitações abrem-nos ao próximo e ao mundo”: a aceitação da fragilidade humana abre novos horizontes, na busca pelo sentido da própria existência e da vocação ou chamado como seres humanos: todos sem exceção somos primeiramente “pessoas”.

[...] compreender-se como uma pessoa com deficiência abre a possibilidade de nos relacionarmos com as outras pessoas e com o mundo de uma forma mais sadia e fecunda. A necessidade do perdão mútuo abre-nos para os relacionamentos, de forma que há um vai-e-vem entre dar e receber. As

---

<sup>79</sup> NOÉ, 2005, p. 08.

limitações, ao invés de serem um empecilho, tornam-se possibilidades de abertura do ser, que dá e recebe gratuitamente generosidade, misericórdia, amor e compreensão.<sup>80</sup>

- 5- “A consciência da deficiência humana” é imprescindível que aconteça para assim poder quebrar as barreiras que distanciam as pessoas entre si. E essa deficiência está bem presente em todos os seres humanos, consciente ou inconscientemente. Aqui entra o conceito de fé em ação, parafraseando, a-fe-em-atividade, ou seja, a afetividade para poder derrubar esses empecilhos que distanciam os indivíduos.
- 6- “A deficiência potencializa a eficiência” esta é uma razão “orgânica”, ou seja física, onde as carências deixadas por organismos deficientes são praticamente substituídas por outras habilidades e eficiências específicas. Até em situações de deficiência extrema, surgem outras capacidades altamente desenvolvidas.
- 7- “O contato com a deficiência converte”: esta razão de ordem espiritual leva o ser humano a valer-se de coragem, ousadia, fé para entregar-se à vontade de Deus, e aceitar valorizando a própria deficiência e a do outro. Cabe aqui a oração feita por São Francisco de Assis:

Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz. Onde houver ódio que eu leve o amor, onde houver ofensa que eu leve o perdão, onde houver discórdia que eu leve a união, onde houver dúvida que eu leve a fé. Onde houver erro que eu leve a verdade, onde houver desespero que eu leve a esperança, onde houver tristeza que eu leve a alegria, onde houver trevas que eu leve a luz.

Ó mestre, fazei que eu procure mais, consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado, pois é dando que se recebe, é perdoadando que se é perdoado e é morrendo que se vive para a vida eterna.<sup>81</sup>

- 8- “Pessoas com deficiência são pessoas”, e todos sem exceção tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecidos como pessoas perante a lei, conforme o artigo VI da Declaração Universal dos Direitos Humanos.<sup>82</sup> Isto significa que devem ser criadas as condições necessárias que permitam a todos "ser", facilitando o acesso à educação,

<sup>80</sup> NOÉ, 2005, p. 14.

<sup>81</sup> ASSIS, São Francisco de. *Floreillas de San Francisco*. 4. reimpressão. São Pablo: Ed. San Pablo, 1995. p. 6-9. Santo Católico nascido na Itália, na cidade de Umbria (1181-1226), fundador da Ordem dos Franciscanos.

<sup>82</sup> DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <[http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/gpdh/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/gpdh/ddh_bib_inter_universal.htm)>. Acesso em: 12 out. 2015.

à saúde, ao trabalho, à aposentadoria, ao lazer, à religião, aos serviços públicos, ao voto, à liberdade de expressão, à opção sexual e assim possam realizar-se como pessoas.

- 9- “Deficiência não é doença”: a pessoa com deficiência não pode ser restringida a receber atendimento e cuidados específicos conforme seja a sua necessidade. As relações emocionais não podem ser substituídas pela medicação e o atendimento médico-hospitalar. Não se pode permitir de maneira alguma que as pessoas deficientes continuem sendo estigmatizadas, pois essas pessoas são muito mais do que uma doença, tem dignidade e precisam da aceitação e do convívio social.
- 10- “Engajamento cria comunidade”, já que o contato como a deficiência e a sensibilidade em relação à deficiência alheia impulsionam o engajamento, o compromisso para com a transformação de um estado de "carência" a uma situação de suprimento das necessidades. E isto se consegue com uma atitude comunitária. Se faz necessário a busca de apoio, valer-se da compaixão perante ao sofrimento do próximo, para assim obter a aceitação no convívio diário.



## CONCLUSÃO

Quando uma pessoa sente-se querida, amada, respeitada pelo Outro, e no caso da inclusão escolar, acolhida e respeitada pelo docente que demonstra tal atitude, com certeza este discente sentirá desejo de aprender, muito além das possíveis limitações que sua deficiência lhe apresente. Com isso, entende-se que toda aprendizagem movida por afeto exerce forte influência no cognitivo, no intelectual, atuando de modo relativamente positivo nesse processo de iniciação da vida escolar.

A partir disso, a afetividade torna-se ferramenta essencial para que o educador e a educadora consigam proporcionar ao discente uma aprendizagem significativa e satisfatória, compreendendo que trabalhar com aspectos emocionais é a primeira etapa da prática pedagógica. Assim percebe-se a relevância de trabalhar e praticar a afetividade constantemente dentro e fora da sala de aula, uma vez que tal sentimento é fundamental para o desenvolvimento global do discente, do progresso do processo de aprendizagem e para o desenvolvimento da autoestima que impulsiona as ações tomadas na sociedade.

Conclui-se que a partir das teorias apresentadas nos capítulos iniciais, a exemplo de Piaget, Wallon, Wygotsky, o afeto é a capacidade do discente para experimentar as emoções, paixões e sentimentos. Ao consistir-se pela confluência desses fenômenos, influi diretamente na formação do caráter de um indivíduo. Constatou-se que a afetividade desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem do ser humano, tanto por estar presente em todas as áreas da vida, como por influenciar o desenvolvimento intelectual, cognitivo, emocional, psíquico, instâncias essenciais para o desenvolvimento integral do ser humano, em especial, para a aquisição de novas aprendizagens.

Diante das abordagens apresentadas, percebe-se que educar é sem dúvida uma das tarefas mais complexas da atividade humana. É uma ação contínua e coletiva e, por tais razões, faz-se necessário a todo instante refletir, enquanto agentes formadores e facilitadores desse processo, a cerca das nossas posturas docentes, condutas e sentimentos com-paixão que geram crescimento.

Com isso, os processos de ensino-aprendizagem exigem do docente uma tarefa relevante e comprometida com o Outro, aonde o ensinar e o aprender se

tornam experiências prazerosas e significativas, pelas quais a afetividade associada à compaixão deixa de ser confundida com um exagero de sentimentos, e torna-se essencial no processo educativo.

Também o docente empoderado pela função que exerce no espaço escolar, não pode sentir-se o “dono da palavra”. Nos processos de inclusão escolar e social estará lidando com indivíduos que mesmo com suas dificuldades, podem pensar, se expressar e sentir de modos diversos. Finalizando com a concepção apresentada pelo educador Paulo Freire, “a autoridade não deve ser confundida com autoritarismo e nem liberdade com a libertinagem.”<sup>83</sup>

O aprendizado de qualidade e o sucesso na inclusão social e escolar de pessoas com deficiências, depende de vários fatores, mas principalmente das relações interpessoais estabelecidas entre docente e discente, a exemplo do respeito mútuo, da amizade, do diálogo constante, da presença do acolhimento mediada pela afetividade e compaixão.

A pesquisa bibliográfica realizada confirmou e respondeu a questão central proposta inicialmente, sublinhando o que a prática docente vem demonstrando ao longo dos anos: verificou-se que a compaixão e a afetividade nas relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar entre docentes e discentes, contribuem efetivamente para o processo de socialização das pessoas com deficiência. Entende-se que antes de assimilar e acomodar conhecimentos à estrutura cognitiva do indivíduo, com ou sem algum tipo de deficiência, há a necessidade de se desenvolver a valorização do discente.

Constatou-se que a autoestima, entendida pela qualidade de quem a valoriza, promove a autorrealização pessoal, condição tácita para o aprender e para a busca da satisfação com o modo de ser. A afetividade promovida pelo docente no espaço de inclusão escolar gera no discente a confiança. A ausência de afetividade, em oposição, pode desencadear problemas no desenvolvimento do educando ou mesmo pode provocar um atraso no processo de aprendizagem, e conseqüentemente, comprometer o convívio social dentro e fora do ambiente escolar.

Uma vez que influencia diretamente no processo de formação global do discente, a afetividade também passa a influenciar na promoção da cidadania, por

---

<sup>83</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

estar relacionada com as atitudes dos indivíduos e a forma como estes interagem na sociedade com o Outro. O docente, por exercer diariamente sua profissão em um espaço de relevância social - na escola - deveria comprometer-se também com o exercício efetivo da cidadania; prática que se dá mediante a aceitação da diversidade pelo acolhimento das diferenças no horizonte da inclusão social.

As perspectivas da inclusão escolar que se verifica pela inclusão social apresentadas nesse estudo, reafirmam a ideia da função desempenhada pela educação, em especial promovida pelo docente no espaço escolar. Reitera-se que o afeto, a afetividade, a compaixão, são polos complementares capazes de integrar as necessidades formativas do ser humano no mundo atual. A dimensão emocional potencializa o desenvolvimento das dimensões intelectuais dos discentes, em especial daqueles que tem algum tipo de deficiência, mas que apesar de enfrentar e necessitar superar suas dificuldades, têm direito ao exercício pleno da cidadania.



## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

ALMEIDA, A. R. S. *Emoção na sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. *Minha escola recebeu alunos para a inclusão. Que faço agora?*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 23.

ALVES. *Dicionário de Psicologia e Psicanálise*. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2014.

ASSIS, São Francisco de. *Floreillas de San Francisco*. 4. reimpressão. São Pablo: Ed. San Pablo, 1995.

ASSOCIAÇÃO Americana de Psiquiatria. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: Dsm5*. Washington, 2013.

ATKINSON, David J., FIELD, David H. *Diccionario de ética cristiana y teologia pastoral*. España: Clie, 2004.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CARVALHO DA SILVA, Noelma. *A importância da afetividade na educação de jovens e adultos*. Disponível em:  
<<http://http://pt.slideshare.net/christianceapcursos/a-importncia-da-afetividade-na-educao-de-jovens-e-adultos-noelma-carvalho-da-silva>>. Acesso em: 22 set. 2015.

CATTENI, Giovanni: "Motivações" da educação emotivo-afetiva na escola de educação infantil. In: BONTEMPI, Anna Maria, RUSTIONI, Daniela, VICENTINI, Delio, CATTANEO, Mario, GUIZZI, Piergiorgio, CECCATTONI, Rosanna, FERRAROTII, Walter (Orgs.). *A educação emotivo-afetiva na escola de educação infantil*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Pedagogia e Educação)

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudante de periferia. *Caderno de Pesquisa*. nº 97, maio, 1996.

CODO, W.; GAZZOTI, A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. Autoconhecimento. *Brasil Escola*. Disponível em:  
<<http://www.brasilecola.com/psicologia/autoconhecimento.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

DANTAS, H. *A infância da razão*. São Paulo: Manoel, 1992.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Sobre os princípios e práticas em Educação Especial*. Espanha, 1994.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <[http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/gpdh/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/gpdh/ddh_bib_inter_universal.htm)>. Acesso em: 12 out. 2015.

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros passos nº 324)

EDUCAÇÃO INCLUSIVA. Disponível em: <<http://www.deficiencia.no.comunidades.net/educacao-inclusiva-especial>>. Acesso em: 20 out. 2015.

FERNÁNDEZ COLLOT, Noel; MENESES, Alessandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010.

FERREIRA MURTA, Genilda (Org.). *Dicionário Brasileiro de Saúde*. 3. ed. São Caetano do Sul: Ed. Difusão, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2003.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOLDIM, José Roberto. *Compaixão, simpatia e empatia*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/compaix.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

LAROUSSE, Ática: *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris, Larousse. São Paulo: Ática, 2001.

MARCHAND, Max. *A afetividade do educador*. vol. 23. São Paulo: Summus, 1985.

MELO, Fabíola Cristina. A afetividade na sala de aula e a atuação dos professores no Ensino Médio – reflexões pontuais. *Evidência*, Araxá, v. 8, n. 8, p. 143-156, 2012. Disponível em: <<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/viewFile/9/8>>. Acesso em: 15 set. 2015.

MÜLHER, Iara. *Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiências*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Encarando a deficiência*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

NOÉ, Sidnei Vilmar. *Amar é cuidar. Dez boas razões para integrar as pessoas com deficiência, valorizar a terceira idade, cultivar a saúde integral, viver uma sexualidade sadia, buscar o perdão*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ONU. *Declaração dos direitos das pessoas deficientes*. Resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 09/12/1975. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

PESSOTI, Isaías. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: Edusp, 1994.

PIAGET, Jean. *A epistemologia genética - Sabedoria e Ilusões da filosofia: problemas da Psicologia Genética*. Trad. Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Pietro. 2. ed. São Paulo: Abril cultura, 1983. Coleção Os Pensadores

\_\_\_\_\_. *Seis estudos de Psicologia*. Trad. Maria A. M. D'Amorim, São Paulo, S. L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.

RODRIGUES LIMA PINTASSILGO, Claudia. *A relevância da afetividade na aprendizagem*. 2010. Monografia (Especialização Lato Sensu) - Instituto A Vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Niterói, 2010. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/n204090.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n204090.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2015.

SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade e inteligência. A emoção na educação*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SANCHES ROSSINI, Maria Augusta. *Pedagogia Afetiva*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Deficiência Mental ou deficiência intelectual*. s.l., dez., 2004. Disponível em: <<http://todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/acessibilidade-e-inclusao/textos/deficiencia-mental-ou-deficiencia-intelectual/>>. Acesso em: 15 nov.2015.

SHAKESPEARE, Rosemary. *Psicologia do deficiente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SILVA LEITE, Sérgio Antônio. *A Afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor*. Disponível em <<http://www.lite.fe.unicamp.br/grupos/alle/textos/textosergio.htm>>. Acesso em 15 nov. 2015.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70,1968.

\_\_\_\_\_. *As origens do caráter na Criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

\_\_\_\_\_. *L'organique et le social chez l'homme. Enfance*. Paris. Difusão Europeia do Livro, 1963.